



INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO CEARÁ
IFCE CAMPUS CAUCAIA
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO FÍSICA EM REDE
NACIONAL

EMERSON ROARKY SABOIA MONTE

O ULTIMATE FRISBEE COMO INDUTOR DA EQUIDADE DE
GÊNERO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR:
PRODUZINDO UMA FICHA DE ESPÍRITO DE JOGO PARA AS
RELAÇÕES DE GÊNERO.

CAUCAIA

2026

EMERSON ROARKY SABOIA MONTE

**O ULTIMATE FRISBEE COMO INDUTOR DA EQUIDADE DE
GÊNERO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR:
PRODUZINDO UMA FICHA DE ESPÍRITO DE JOGO PARA AS
RELAÇÕES DE GÊNERO.**

Dissertação apresentada ao Programa
de Mestrado Profissional em Educação Física
em Rede Nacional do Instituto Federal de
Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará -
PROEF/IFCE – campus Caucaia.

Linha de pesquisa: Abordagens
metodológicas e processos de ensino e
aprendizagem.

Área de concentração: Educação Física
Escolar.

Orientador: Dr. Raphaell Moreira Martins

CAUCAIA

2026

EMERSON ROARKY SABOIA MONTE

O ULTIMATE FRISBEE COMO INDUTOR DA EQUIDADE DE GÊNERO NAS AULAS
DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR:
PRODUZINDO UMA FICHA DE ESPÍRITO DE JOGO PARA AS RELAÇÕES DE
GÊNERO.

Dissertação de Conclusão de Curso apresentado
ao curso de Mestrado profissional em Educação
Física do Instituto Federal de Educação,
Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE) –
Campus Caucaia, como requisito parcial para
obtenção do Título de Mestre em Educação
Física.

Aprovado em: 06/04/2026.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Raphael Moreira Martins (Orientador)

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará – IFCE

Prof. Dr. Antonio Jansen Fernandes da Silva

Secretaria Municipal de Educação de Fortaleza - SME

Prof. Dr. Felipe Rodrigues da Costa

Universidade de Brasília - UnB

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Instituto Federal do Ceará - IFCE
Sistema de Bibliotecas - SIBI
Ficha catalográfica elaborada pelo SIBI/IFCE, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

M772u Monte, Emerson Roarky Saboia.

O ultimate frisbee como indutor da equidade de gênero nas aulas de educação física escolar: produzindo uma ficha de espírito de jogo para as relações / Emerson Roarky Saboia Monte. - 2026. 95 f. : il. color.

Dissertação (Mestrado) – Instituto Federal do Ceará, Mestrado Profissional em Rede Nacional de Educação Profissional e Tecnológica, Campus Caucaia, 2026.
Orientação: Prof. Dr. Raphaell Moreira Martins.

1. Educação física escolar. 2. Equidade de gênero. 3. Ultimate frisbee. 4. Espírito de jogo. 5. Justiça social. I. Título.

CDD 378.013

AGRADECIMENTOS

Escrever esta parte da dissertação é, sem dúvida, um dos momentos mais emocionantes de todo o percurso. Depois de tantas leituras, reflexões, escritas e reescritas, chega o instante de olhar para trás e reconhecer que nenhum caminho acadêmico é construído sozinho. Este espaço é dedicado às pessoas que fizeram parte desta jornada, aquelas que caminharam ao meu lado, que acreditaram em mim quando o cansaço apareceu e que, de diferentes maneiras, contribuíram para que este sonho se tornasse realidade.

Agradeço, primeiramente, a Deus, pela saúde, pela força e pela perseverança que me permitiram seguir firme ao longo dessa caminhada. Em muitos momentos de cansaço e incerteza, foi a fé que renovou minhas energias e me deu coragem para continuar acreditando que este sonho seria possível.

À minha mãe, Raimundinha (Folgada), deixo meu mais profundo agradecimento. Foi ela quem me concedeu a maior herança que alguém pode receber: o incentivo e o investimento nos estudos. Sua luta, sua dedicação e sua confiança sempre foram a base que sustentou cada passo da minha trajetória. Tudo o que conquisto carrega a marca do seu amor, do seu cuidado e da sua crença na educação como caminho de transformação.

À minha esposa, Emanuely Fernandes, expresso minha profunda gratidão por nunca ter desistido de acreditar que tudo daria certo. Sua confiança, paciência e apoio foram fundamentais durante todo esse processo. Você sempre esteve ao meu lado, incentivando, acolhendo e fazendo de tudo para que fosse possível continuar sonhando e buscando melhorar nossas vidas.

Ao meu orientador, Raphaell Martins, deixo um agradecimento especial por todo o cuidado, pela escuta sensível e pela forma sempre motivadora com que conduziu este processo. Sua postura humana e atenta me ensinou que a caminhada acadêmica pode ser também um espaço de acolhimento, respeito e crescimento pessoal. Com você aprendi que a vida pode ser ainda mais bela quando valorizamos o ser humano em sua essência mais pura. Sua presença, suas palavras e sua forma de orientar fizeram toda a diferença nesta trajetória. Você é luz na vida de quem tem a alegria de caminhar ao seu lado.

Aos colegas do Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF), especialmente Vanessa Isaías e Edson Alves, deixo meu sincero agradecimento pelo companheirismo, pelas trocas de conhecimento e pelo percurso colaborativo na execução dos trabalhos ao longo desses anos. Estendo também minha gratidão aos demais colegas de turma, que foram luz nos momentos mais difíceis dessa caminhada acadêmica, tornando esse percurso mais humano, solidário e significativo.

Aos meus e minhas amigos(as), que sempre estiveram presentes incentivando e comemorando comigo cada conquista que foi surgindo ao longo desses anos, deixo também minha gratidão. De maneira muito especial, agradeço ao meu amigo Daniel, que generosamente cedeu espaço em sua casa para que fosse possível me hospedar nos dias de aula em Caucaia, gesto que foi fundamental para que eu pudesse seguir firme nessa trajetória. Agradeço também ao meu amigo e irmão Daniel, que me acolheu no início da minha chegada a Sobral, cedendo seu apartamento e tornando aquele momento de adaptação mais leve e possível.

Aos amigos que tive a alegria de conhecer em Sobral, no ano de 2024, deixo também meu sincero agradecimento. A convivência com vocês foi combustível essencial nessa caminhada. Em especial, a “quarta do equilíbrio”, que tantas vezes me ajudou a pausar, refletir e reorganizar minha trajetória de vida, renovando as forças para seguir adiante.

Por fim, registro um agradecimento muito especial a Lina Chaves de Melo Feitosa (*in memoriam*), a quem considero como uma mãe em minha vida. Sua memória, seus ensinamentos e sua forma de cuidar permanecem vivos em minha história, sendo inspiração constante em minha caminhada.

A todos que, de alguma forma, contribuíram para esta jornada, deixo meu mais sincero agradecimento. Cada gesto de apoio, cada palavra de incentivo e cada momento compartilhado fizeram parte da construção deste sonho.

RESUMO

Esta pesquisa analisa o potencial pedagógico do Ultimate Frisbee como estratégia para fomentar a equidade de gênero nas aulas de Educação Física escolar. O estudo parte da compreensão de que as práticas corporais e esportivas no ambiente escolar historicamente reproduzem desigualdades de gênero, frequentemente marcadas pela menor participação das meninas e pela naturalização de atitudes excludentes no contexto das aulas. Diante desse cenário, a investigação tem como objetivo analisar os efeitos da implementação de uma ficha de espírito de jogo voltada às relações de gênero, desenvolvida e aplicada no contexto de uma unidade didática sobre Ultimate Frisbee em uma turma do 7º ano do ensino fundamental de uma escola pública do município de Sobral, Ceará. A pesquisa caracteriza-se como qualitativa, de natureza interventiva, articulada ao contexto da prática pedagógica da Educação Física escolar. Participaram do estudo estudantes com idades entre 11 e 15 anos, que vivenciaram uma sequência de aulas estruturadas a partir de momentos de problematização das desigualdades de gênero, experimentação da modalidade esportiva e construção coletiva de estratégias voltadas à promoção do respeito, da cooperação e da participação equitativa. Como instrumento pedagógico central, foi elaborada e aplicada uma ficha de espírito de jogo adaptada às relações de gênero, utilizada como recurso de mediação reflexiva e de avaliação das atitudes durante as práticas. Os resultados evidenciam avanços nas formas de interação entre os estudantes, indicando maior protagonismo das meninas nas atividades, bem como o desenvolvimento de atitudes mais colaborativas e reflexivas por parte dos meninos. Observou-se ainda o fortalecimento de valores relacionados ao respeito às diferenças, à corresponsabilidade e à construção coletiva de um ambiente esportivo mais democrático. Conclui-se que o Ultimate Frisbee, associado a estratégias pedagógicas que valorizam o diálogo e a reflexão crítica sobre as relações de gênero, apresenta significativo potencial formativo no contexto da Educação Física escolar, contribuindo para a construção de práticas educativas mais inclusivas, participativas e comprometidas com a justiça social no ambiente escolar.

Palavras-chave: Educação Física escolar. Equidade de gênero. Ultimate Frisbee. Espírito de jogo. Justiça social.

ABSTRACT

This research analyzes the pedagogical potential of Ultimate Frisbee as a strategy to promote gender equity in school Physical Education classes. The study is based on the understanding that sports practices within the school environment have historically reproduced gender inequalities, often characterized by the reduced participation of girls and the normalization of exclusionary attitudes during sports activities. In this context, the study aims to analyze the effects of implementing a “spirit of the game” evaluation sheet focused on gender relations, developed and applied within a didactic unit on Ultimate Frisbee with a 7th-grade class in a public school in the municipality of Sobral, Ceará, Brazil. The research adopts a qualitative and intervention-based approach, articulated with the pedagogical practice of school Physical Education. Participants included students aged between 11 and 15 years old, who took part in a sequence of classes structured around discussions on gender inequalities, practical experiences with the sport, and the collective development of strategies aimed at promoting respect, cooperation, and equitable participation. As the central pedagogical instrument, a spirit of the game sheet adapted to gender relations was designed and implemented as a reflective mediation tool and as a means of evaluating students’ attitudes during the activities. The results indicate significant changes in student interactions, highlighting increased participation and protagonism among girls, as well as the development of more collaborative and reflective attitudes among boys. The study also identified the strengthening of values related to respect for differences, shared responsibility, and the collective construction of a more democratic sporting environment. It is concluded that Ultimate Frisbee, when combined with pedagogical strategies that encourage dialogue and critical reflection on gender relations, presents considerable formative potential within school Physical Education, contributing to the development of more inclusive, participatory, and socially committed educational practices.

Palavras-chave: School Physical Education. Gender equity. Ultimate Frisbee. Spirit of the game. Social justice.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - O campo de jogo	30
Figura 2 - Disco de Frisbee	31
Figura 3 - Ficha de espírito de jogo	40

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Caracterização das pesquisas por título, autor e ano, objetivo, discussão central, local do estudo e utilização da ficha de jogo.....	36
Tabela 2 - Caracterização das pesquisas por título, autor e ano, objetivo, discussão central, local do estudo e utilização da ficha de jogo.....	37
Tabela 3 - Cronograma	52
Tabela 4 - Ampliação da comunicação e interação dos/as participantes nas aulas de Educação Física.....	65
Tabela 5 - Lugar de fala e protagonismo das mulheres	68
Tabela 6 - Estímulo à reflexão crítica dos meninos.....	70

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	13
1.1	Objetivo Geral.....	22
1.2	Objetivos Específicos.....	22
1.3	Produto Educacional.....	22
2	MARCO TEÓRICO.....	24
2.1	A participação feminina nas aulas de Educação Física	24
2.2	Os conteúdos e sua atração pela aptidão física e por um sujeito padronizado.....	27
2.3	O Ultimate Frisbee como uma iniciativa de ruptura na unidade temática dos esportes.....	28
2.4	As principais regras do Ultimate Frisbee.....	30
2.5	Do espírito de jogo para o espírito de jogar de forma equânime nas aulas de educação física.....	32
2.6	O Ultimate Frisbee como fluxo de urgência social: Construindo inclusão e engajamento nas práticas escolares.....	33
2.7	A hora e a vez de reparar historicamente o papel das estudantes na Educação Física escolar.....	35
2.8	Caracterização da pesquisa.....	36
2.8.1	<i>Ausência na utilização da ficha de jogo.....</i>	<i>39</i>
2.8.2	<i>Reflexão sobre a sistematização do quadro.....</i>	<i>41</i>
2.8.3	<i>Lacunas Identificadas.....</i>	<i>42</i>
3	TRAJETÓRIA METODOLÓGICA.....	44
3.1	Caracterização da pesquisa.....	44
3.2	Abordagem metodológica.....	46
3.3	Cenário da pesquisa.....	47
3.4	Colaboradores da pesquisa.....	48
3.5	Análise de dados.....	50
3.6	Aspectos éticos.....	51
4	CRONOGRAMA.....	52
5	RESULTADOS.....	53

5.1	Cenário inicial.....	53
5.2	A intervenção com Ultimate Frisbee e a ficha de espírito de jogo adaptada.....	55
5.3	Caminhos da Intervenção: Organização dos Encontros.....	57
5.3.1	<i>Primeiro encontro: Apresentação da modalidade e problematização das relações de gênero.....</i>	58
5.3.2	<i>Segundo encontro: Construção e personalização dos discos como estratégia de pertencimento e engajamento.....</i>	59
5.3.3	<i>Terceiro encontro: Vivência do jogo e apresentação da ficha de Espírito de Jogo.....</i>	60
5.3.4	<i>Quarto encontro: Construção coletiva da ficha, consolidação das aprendizagens e reflexão crítica.....</i>	61
5.4	Transformações observadas: Comunicação, Participação e Reflexão Crítica.....	62
5.4.1	<i>Ampliação da comunicação e interação dos participantes.....</i>	63
5.4.2	<i>Lugar de fala e protagonismo das mulheres.....</i>	66
5.4.3	<i>Estímulo a reflexão crítica dos homens.....</i>	69
6	DISCURSSÃO.....	72
6.1	O Jogo Virou: Desafios à Hegemonia Masculina no Esporte Escolar.....	72
6.2	Para Além do Jogo: o Ultimate Frisbee como Ruptura Pedagógica.....	74
6.3	A Emergência do Protagonismo Feminino no Contexto Escolar.....	75
6.4	Limitações e Perspectivas Futuras da Ficha do Espírito de Jogo.....	77
6.5	Validação do produto educacional de forma colaborativa.....	78
7	CONCLUSÃO.....	80
	REFERÊNCIAS.....	85
	APÊNDICE A – ROTEIRO DA ENTREVISTA DIAGNÓSTICA.....	89
	APÊNDICE B – TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM E VOZ.....	94

1 INTRODUÇÃO

Ao refletirmos sobre a evolução da Educação Física escolar, é fundamental avançar nas possibilidades de oferta e acesso aos conteúdos, abordando-os de maneira crítica e não apenas procedimental. É necessário promover vivências que contemplem aspectos conceituais, procedimentais e atitudinais, pois somente assim seremos capazes de analisar criticamente e propor estratégias que tornem as aulas mais inclusivas e equânimes.

De acordo com Freire (2011), uma escola fundamentada na pedagogia da libertação deve atuar para romper ciclos opressores, desencadeando transformações ao ampliar a leitura de mundo e revelar as dinâmicas ocultas nas relações de força. Para isso, é imprescindível confiar no potencial transformador dos sujeitos envolvidos na construção de uma escola crítica. Complementando, Freire (1996) destaca que, ao realizar uma leitura crítica do mundo, os indivíduos se engajam em um processo de conscientização, no qual não apenas decodificam palavras, mas também as interpretam e as contextualizam nas relações de poder, injustiça e opressão, promovendo, assim, uma educação libertadora.

Na área da Educação Física escolar, já se propõe um currículo crítico-libertador fundamentado nas ideias de Paulo Freire. Conforme destacado por Maldonado (2024), é essencial questionar a especificidade das aulas e o papel social desse componente curricular, propondo ações pedagógicas que concretizem uma educação libertadora. O autor enfatiza que “organizar experiências político-pedagógicas que ampliem a leitura de mundo dos/das estudantes sobre os conhecimentos historicamente produzidos pela humanidade sobre as práticas corporais” constitui uma das principais intencionalidades da Educação Física como disciplina obrigatória na Educação Básica.

A pesquisa apresenta risco mínimo aos participantes, considerando que envolve a prática de atividades físicas leves e reflexões pedagógicas em ambiente escolar supervisionado. Entre os riscos previsíveis, destacam-se pequenas intercorrências físicas, como quedas, torções, escoriações ou fadiga muscular, que podem ocorrer durante a prática do Ultimate Frisbee, bem como eventuais desconfortos emocionais decorrentes das discussões sobre equidade de gênero, por envolver temáticas sociais e comportamentais sensíveis.

Como medidas de minimização dos riscos, todas as atividades serão planejadas de acordo com a faixa etária e as condições físicas dos(as) estudantes, respeitando o princípio da segurança e as normas escolares de Educação Física. O(a) pesquisador(a) acompanhará integralmente todas as práticas, garantindo ambiente acolhedor, seguro e pautado pelo respeito

mútuo. As atividades serão realizadas em espaços adequados e com materiais apropriados, evitando situações de exposição ou constrangimento. Será assegurado aos participantes o direito de interromper sua participação em qualquer momento, sem prejuízo pedagógico.

Em caso de ocorrência de danos previsíveis ou imprevistos, o(a) participante receberá acompanhamento imediato do(a) pesquisador(a) e será encaminhado(a), se necessário, para atendimento médico, psicológico ou outro serviço pertinente, utilizando-se a rede de apoio disponível na própria instituição escolar ou na rede pública de saúde do município. O(a) pesquisador(a) se compromete a comunicar prontamente o Comitê de Ética em Pesquisa sobre qualquer intercorrência grave. Todas as informações coletadas serão tratadas com sigilo e confidencialidade, garantindo o anonimato dos(as) participantes em qualquer relatório ou publicação decorrente do estudo, em conformidade com os princípios éticos das Resoluções CNS nº 466/2012 e nº 510/2016.

Em relação à Educação Física, é fundamental destacar que qualquer tema curricular possui um grande potencial para refletir sobre o mundo. Cabe aos/as professores/as aprofundar-se nos mais diversos conteúdos relevantes para os/as alunos/as, com o objetivo de evidenciar a essência desses conhecimentos na formação humana. Nesse contexto, dedicamo-nos ao universo do esporte, reconhecendo sua importância nesse processo formativo.

Em relação à Educação Física, é fundamental destacar que qualquer tema curricular possui um grande potencial para refletir sobre o mundo. Cabe aos/as professores/as aprofundar-se nos mais diversos conteúdos relevantes para os/as alunos/as, com o objetivo de evidenciar a essência desses conhecimentos na formação humana. Nesse contexto, dedicamo-nos ao universo do esporte, reconhecendo sua importância nesse processo formativo.

A pesquisa apresenta benefícios diretos e indiretos aos participantes e à comunidade escolar. Entre os benefícios diretos, destaca-se o desenvolvimento de valores e atitudes voltados à cooperação, ao respeito mútuo, à empatia e à equidade de gênero, proporcionados pelas vivências com o Ultimate Frisbee e pela aplicação da ficha de espírito de jogo adaptada ao contexto educacional. Tais experiências contribuem para a formação integral dos(as) estudantes e para a promoção de um ambiente escolar mais inclusivo e participativo.

Como benefícios indiretos, o estudo amplia o repertório pedagógico da escola e fortalece práticas educativas que valorizam a convivência democrática, a igualdade de oportunidades e o respeito às diferenças. A pesquisa também contribuirá para o aprimoramento profissional do

professor-pesquisador, favorecendo o desenvolvimento de estratégias didáticas mais críticas, inclusivas e contextualizadas.

Garante-se que os benefícios resultantes da pesquisa retornarão aos participantes, por meio da incorporação das aprendizagens e práticas desenvolvidas à rotina escolar. Após a conclusão do estudo, será realizada uma devolutiva à comunidade escolar, compartilhando os resultados e reflexões com os(as) envolvidos(as), assegurando que os ganhos formativos e sociais permaneçam no contexto da instituição. O retorno dos benefícios também ocorrerá pela continuidade do uso pedagógico da ficha de espírito de jogo, consolidando-a como instrumento de promoção da equidade de gênero e fortalecimento das relações de respeito e cooperação entre os(as) estudantes.

Oliveira e Palma (2010) afirmam que a organização dos objetivos da Educação Física deve estar alinhada aos níveis de ensino, permitindo o acesso aos conteúdos no momento adequado. Assim, surge uma necessidade crescente de democratizar os conteúdos que possuam um potencial pedagógico crítico e reflexivo. Dentro do ambiente escolar, é possível identificar diversos conflitos decorrentes das interações entre os indivíduos, sendo as questões de gênero uma das temáticas mais conflituosas, especialmente quando se abordam as vivências nos esportes.

A escassez de publicações acadêmicas sobre a integração do Ultimate Frisbee no contexto escolar, especialmente nas aulas de Educação Física, evidencia uma lacuna significativa na produção científica da área. Essa ausência de estudos limita a compreensão sobre o potencial da modalidade como ferramenta pedagógica para a promoção da igualdade de gênero e da inclusão social. Considerando que o Ultimate Frisbee possui características únicas, como a ausência de contato físico, a autogestão das regras e a valorização do espírito esportivo, torna-se relevante o desenvolvimento de pesquisas que aprofundem seus impactos educacionais. Assim, investigações voltadas para essa temática podem contribuir para o enriquecimento das práticas docentes e para a ampliação de estratégias que favoreçam um ambiente escolar mais inclusivo e crítico socialmente.

A ideia para a pesquisa surgiu a partir da observação de que, apesar dos avanços na discussão sobre equidade de gênero e nas abordagens metodológicas das aulas de Educação Física, ainda persiste uma desigualdade visível nas práticas realizadas nas aulas dos Anos Finais do Ensino Fundamental. No âmbito desta pesquisa, foi identificado que é necessário um olhar mais atento para as aulas de Educação Física, especialmente no que diz respeito aos

relacionamentos entre os gêneros. Nesse contexto, tornam-se evidentes os estereótipos que permeiam a sociedade, muitas vezes refletindo a tentativa de impor a ideia de uma “fragilidade” do sexo feminino em suas interações, particularmente nas atividades envolvendo meninos e meninas.

Ao analisar as vivências nas aulas de Educação Física da escola de ensino fundamental II Paulo Aragão, em Sobral-CE, foi possível observar que é alarmante a atitude dos meninos em excluir as meninas de qualquer prática corporal. Até o momento da elaboração deste estudo, não havia possibilidade de diálogo entre eles, pois os meninos insistem em impor regras e determinar onde as meninas devem ficar frequentemente afirmando que o lugar delas é na arquibancada. Esse comportamento reflete uma cultura escolar que permeia outros hábitos relacionados ao tratamento entre os gêneros. Dessa forma, os meninos acabam reproduzindo essas atitudes em diversos contextos, enquanto as meninas, historicamente, são desvalorizadas na Educação Física escolar. Os alunos dessa escola têm idades que variam de 11 a 15 anos.

Portanto, a autoexclusão das meninas nas aulas de Educação Física não deve ser encarada como um simples reflexo de desinteresse por essas atividades. Em muitos casos, essa situação exclusão está mais ligada a um mecanismo de autodefesa em relação a um ambiente educacional que ainda reforça estereótipos de gênero. O espaço das práticas corporais frequentemente privilegia os meninos em atividades competitivas e de alta visibilidade, enquanto as meninas, por não se identificarem com esses padrões ou por se sentirem constrangidas, acabam se retraindo. Essa atitude pode ser vista como uma forma de proteção contra julgamentos e preconceitos, evidenciando que a exclusão é, na verdade, uma resposta às pressões sociais e não uma falta de interesse genuíno pelas práticas físicas.

Segundo Bourdieu (2002), o corpo é moldado pelas estruturas sociais e culturais que o cercam, o que impacta diretamente a forma como as meninas se posicionam nas aulas de Educação Física. Assim, as dinâmicas de poder e as construções sociais de gênero influenciam suas escolhas e atitudes, levando à autoexclusão como um ato de resistência às normas impostas. Deste modo, em vez de rotular essa exclusão como simples desinteresse, é fundamental compreender os fatores socioculturais subjacentes e promover uma educação que questione e supere essas desigualdades. Isso está alinhado com o pensamento de Freire (1996), que destaca a importância de uma prática pedagógica capaz de libertar os sujeitos das estruturas opressoras. Vale destacar, que esse fato também é muito presente no Ensino Fundamental anos finais, onde por muitas vezes, no decorrer dos anos da Educação Básica, as meninas foram tão

desautorizadas em relação as suas tentativas de participação nas aulas, que faz com que muitas cheguem realmente a abandonar a disciplina e o professor é o responsável profissional por esse cuidado, nesse contexto.

Os autores Silva e Bracht (2012) explicam que em muitas situações está ocorrendo um desinvestimento pedagógico que segue com a forma tradicional do que foi popularmente denominado de “rola bola”, privilegiando assim, apenas um pequeno grupo presente na aula e sem nenhum senso crítico e de responsabilidade do que se está fazendo naquele momento, os alunos muitas vezes compreendem que é apenas um mero jogo ou uma brincadeira.

Martins e Santos (2023), afirmam que a perspectiva crítica na Educação Física possibilita articular o conhecimento teórico com a prática, permitindo uma relação contextualizada com as questões sociais, comprometida com a justiça social e embasada em valores progressistas que valorizam a democracia e a pluralidade cultural. A Educação Física em sua forma de defesa, não é apenas uma disciplina que ensina habilidades motoras, mas como uma área que integra teoria e prática de forma significativa. Ao adotar uma perspectiva crítica, a Educação Física se torna um espaço onde os alunos podem conectar com as realidades sociais ao seu redor. Isso significa que as atividades físicas não são apenas fins em si mesmas, mas meios para refletir sobre questões sociais mais amplas, como a justiça social, a democracia e a diversidade cultural. Essa abordagem busca formar cidadãos críticos e conscientes, capazes de reconhecer e valorizar a pluralidade de experiências e perspectivas em um contexto democrático.

De acordo com Martins (2023), a Educação Física deve ser vista não apenas como um espaço onde as práticas corporais ocorrem, mas como um meio para gerar experiências diversas e únicas. Quando essas experiências são permeadas por problematizações e reflexões críticas, elas possibilitam que os/as alunos/as elaborem um pensamento mais profundo e coletivo sobre as atividades que realizam.

A Educação Física, portanto, não deve ser entendida apenas como um conjunto de procedimentos, mas como um campo educativo em que as práticas corporais desempenham um papel central na construção de experiências significativas. O autor sugere que, ao envolver os/as alunos/as em reflexões críticas e problematizadoras sobre essas práticas, a Educação Física pode estimular a produção intelectual e social mais ampla. Isso permite que os estudantes adquiram uma compreensão mais rica dos saberes que realizam, indo além da técnica e reconhecendo as implicações sociais, culturais e éticas dessas práticas. O foco está na criação

de um ambiente educacional que valorize a singularidade e a diversidade das experiências dos/as alunos/as, promovendo o pensamento crítico (Martins, 2023).

A justiça social, no contexto da equidade de gênero, implica na criação de condições justas para que homens e mulheres possam desfrutar dos mesmos direitos e oportunidades, levando em conta as desigualdades históricas e culturais que afetam especialmente as mulheres. De acordo com Scherer (2019), a busca pela equidade de gênero requer a implementação de políticas públicas que considerem as especificidades de gênero e promovam a redistribuição de recursos, bem como o reconhecimento das diferenças. Para Scherer, é essencial que essas políticas sejam interseccionais, ou seja, que integrem as diversas dimensões de desigualdade, como raça e classe, a fim de alcançar uma justiça social efetiva.

Nesse contexto, a justiça social na equidade de gênero vai além da garantia de direitos formais iguais, buscando também transformar as estruturas sociais que perpetuam as desigualdades. Isso envolve o combate à violência de gênero, a promoção da autonomia econômica das mulheres e a valorização do trabalho doméstico e de cuidados, muitas vezes invisibilizado. A equidade de gênero, como defende Scherer, é um passo fundamental para a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva, onde todos possam participar plenamente e com dignidade.

De acordo com Souza Júnior (2004), não se pode negar que existem diferenças biológicas entre os sexos, e que essas diferenças físicas também ocorrem entre indivíduos do mesmo gênero. No entanto, é crucial destacar que as distinções entre meninos e meninas, mais do que biológicas, são construídas socialmente. As experiências incentivadas ou negadas a cada sexo têm um grande impacto nas performances desses indivíduos nas diferentes práticas corporais. Nesse contexto, o Ultimate Frisbee surge como uma oportunidade para quebrar o paradigma das comparações de gênero, proporcionando uma abordagem crítica e voltada para a justiça social. Este estudo será conduzido pela linha 2 do ProEF, permitindo a implementação de novas abordagens metodológicas no processo de ensino e aprendizagem.

Diante das problemáticas que permeiam a Educação Física escolar, foi possível identificar que a exclusão do gênero feminino nas aulas é um fator alarmante. Nesse contexto, o Ultimate Frisbee, por ser um esporte baseado nos princípios do jogo com justeza e autoarbitragem, oferece uma oportunidade única para promover a equidade de gênero nas aulas de Educação Física. Esse esporte, que valoriza o espírito de jogo acima do resultado

competitivo, pode ser um poderoso agente de transformação na maneira como meninos e meninas interagem durante as atividades físicas.

Para a construção desta investigação, foram intensificadas algumas justificativas que sustentam os critérios estabelecidos na problemática do projeto. Entre elas, destaca-se a justificativa profissional relacionada ao desenvolvimento de competências sociais e emocionais ao se trabalhar a desigualdade de gênero por meio do Ultimate Frisbee. Esse esporte tem a capacidade de promover habilidades de comunicação, trabalho em equipe, e debates críticos e construtivos nos diferentes contextos. Além disso, a promoção da inclusão e da diversidade, com a introdução de um esporte novo que valoriza o combate aos estereótipos de gênero, é fundamental para a criação de turmas mais produtivas, nas quais os alunos compreendam que ambos os gêneros têm seu espaço dentro da aula. No âmbito da paz e da resolução de conflitos, é crucial observar se está sendo promovido o diálogo e a compreensão mútua durante as práticas.

Em caráter pessoal, serão analisados aspectos que possam contribuir para o crescimento individual e o autoconhecimento. Ao participar de um esporte como o Ultimate Frisbee, os indivíduos terão a oportunidade de refletir sobre posturas preconceituosas, o que pode resultar em um crescimento pessoal significativo. A busca pelo desenvolvimento da empatia e do respeito será central, incentivando os participantes a se colocarem no lugar do outro durante as práticas. Além disso, a motivação e o engajamento pessoal são fatores-chave para que os indivíduos se envolvam em causas sociais, permitindo que o esporte promova um convívio saudável e construtivo entre os praticantes.

Desse modo, o cumprimento das Políticas Públicas de Igualdade de Gênero: A promoção da igualdade de gênero é uma diretriz central do Plano Nacional de Educação (PNE), especialmente nas metas relacionadas à redução das desigualdades. Utilizar o Ultimate Frisbee como ferramenta para abordar essas questões nas escolas contribui diretamente para o alcance dessas metas, reforçando o compromisso com as políticas públicas que visam à equidade de gênero. Praticado em um ambiente que incentiva a cooperação e a igualdade entre os gêneros, o Ultimate Frisbee pode ser um instrumento eficaz para fortalecer a autoconfiança e o protagonismo de mulheres e meninas, alinhando-se às agendas políticas de empoderamento feminino.

O produto educacional que será uma ficha de jogo do Ultimate Frisbee, será produzido para as partidas, e terá um viés capaz de combater à desigualdade de gênero e funcionará como

uma ferramenta pedagógica que promoverá reflexões e ações concretas durante a prática esportiva. Ela incluirá critérios específicos que avaliam não apenas o desempenho técnico dos jogadores, mas também suas atitudes em relação à inclusão, ao respeito, à igualdade de gênero e fatores relacionados a justiça social, trazendo também nomes populares para suas ações, produzindo uma nova ficha de jogo e em língua portuguesa.

Por meio de autoavaliações e feedbacks entre os participantes, a ficha incentivará a observação e o reconhecimento de comportamentos que desafiam estereótipos de gênero como a distribuição equitativa de papéis em campo, a valorização das habilidades de todos os jogadores, independentemente do gênero, e a promoção de um ambiente seguro e acolhedor para todos e todas. Dessa forma, essa adaptação da ficha de espírito de jogo ajudará a transformar o Ultimate Frisbee em um espaço de aprendizado e conscientização sobre equidade de gênero, fortalecendo a cultura de respeito e cooperação entre os/as alunos/as.

O fato do imenso potencial pedagógico do Ultimate Frisbee propõe incorporar essa modalidade nas aulas de Educação Física, oferecendo não apenas uma prática esportiva diferenciada, mas também uma oportunidade única para o desenvolvimento motor e a formação ética e crítica dos alunos. O Ultimate Frisbee se destaca como uma ferramenta eficaz para promover a interação entre os gêneros desde cedo, estimulando o respeito mútuo, a cooperação e o diálogo crítico-reflexivo. Ao integrar essas dinâmicas nas atividades físicas, o esporte contribui para a construção de uma convivência mais igualitária e consciente entre os estudantes.

Como destaca Martins (2021), ao introduzir o espírito de jogo no ambiente escolar, o Ultimate Frisbee cria uma dinâmica em que meninos e meninas jogam juntos em condições de igualdade, desafiando as divisões tradicionais de gênero nos esportes. Essa abordagem é crucial para prevenir que as questões de gênero se perpetuem ao longo da educação básica, favorecendo uma formação mais inclusiva, cidadã e humana.

No contexto do Programa de Mestrado Profissional em Educação Física Escolar (ProEF), a inclusão do Ultimate Frisbee alinha-se diretamente aos objetivos do curso, que propõe soluções inovadoras para os desafios da Educação Física escolar. O ProEF destaca-se pela promoção de intervenções pedagógicas que integraram o desenvolvimento motor ao desenvolvimento social e emocional dos alunos, priorizando práticas esportivas que valorizam a inclusão e o espírito crítico.

Segundo Figueiredo (2022), o mestrado profissional tem a responsabilidade de promover reflexões e práticas que transformem o ambiente escolar, e o Ultimate Frisbee, com

sua ênfase no espírito de jogo, é uma das modalidades que mais se alinha a essa proposta. Dessa forma, o ProEF incentiva a utilização de modalidades como o Ultimate, que transcendem a técnica esportiva e promovem a formação integral do aluno.

A implementação do Ultimate Frisbee nas aulas de Educação Física assegura a coerência com as diretrizes pedagógicas do ProEF, ao mesmo tempo em que engaja os alunos em uma proposta crítica e reflexiva de educação esportiva. A modalidade oferece uma oportunidade para o desenvolvimento de práticas pedagógicas inovadoras, que dialogam com a realidade escolar, respeitam as individualidades dos estudantes e fomentam a interação cooperativa. Nesse contexto, o Ultimate, como ferramenta pedagógica, contribui diretamente para o propósito do ProEF de qualificar a prática docente, pautada em valores democráticos e inclusivos, além de capacitar os professores para atuarem como agentes de transformação social na educação básica.

O presente projeto busca promover um diálogo sobre a desigualdade de gênero no esporte e utilizar uma prática renovadora como ferramenta para superar as limitações impostas entre os gêneros, frequentemente causadas pela incompreensão da participação feminina nas aulas práticas. A proposta é realizar aulas tematizadas com o Ultimate Frisbee, abordando questões cruciais, como os conflitos de gênero, que persistem nas aulas de Educação Física.

Embora cada aluno/a traga consigo uma diversidade cultural, ainda há uma resistência por parte de muitos meninos em compreender que ambos os gêneros são produtores de cultura corporal, carregando experiências enriquecedoras. Para amenizar esses conflitos e mal-entendidos, abordaremos as desigualdades sociais e suas repercussões nas aulas, utilizando o Ultimate Frisbee como uma ferramenta de combate a esses aspectos. O foco será intensificar as práticas mistas, criando um espaço único, justo e com oportunidades para todos, especialmente para as meninas, que por muito tempo foram excluídas de uma participação plena nas aulas de Educação Física.

1.1 Objetivo geral

- Analisar os efeitos da implementação de uma ficha de espírito de jogo focada na equidade de gênero, dentro de uma Unidade Didática sobre o *Ultimate Frisbee*, em uma turma do 7ºB da escola de Ensino Fundamental Paulo Aragão, na cidade de Sobral-CE, adotando uma perspectiva crítica e socialmente justa.

1.2 Objetivos específicos

- Compreender de forma crítica e justa como as relações de gênero se manifestam nas práticas de *Ultimate Frisbee*, identificando estereótipos e as dinâmicas de poder presentes nas interações entre os alunos.
- Verificar os impactos da implementação do ensino do *Ultimate Frisbee*, com uma abordagem crítica e voltada para a justiça social, nas percepções e atitudes dos estudantes em relação às questões de gênero nas aulas de Educação Física de uma escola em Sobral/CE.
- Produzir uma ficha de espírito de jogo adaptada às questões de gênero, utilizando nomes e contextos populares da realidade dos/as alunos/as, para promover a reflexão e a equidade de gênero durante a prática do *Ultimate Frisbee* nas aulas de Educação Física.
- Analisar os efeitos da implementação de uma ficha de espírito de jogo focada na equidade de gênero, dentro de uma Unidade temática sobre o *Ultimate Frisbee*, em escola do ensino fundamental, na cidade de Sobral-CE, adotando uma perspectiva crítica e socialmente justa.

1.3 Produto Educacional

É comum observar atividades que reforçam estereótipos de gênero, limitando a participação das meninas e subvalorizando suas habilidades em diversas atividades físicas. Essa realidade evidencia a necessidade urgente de uma reflexão sobre o espaço e o papel de cada indivíduo nas aulas, para que, no futuro, espaços mais participativos e igualitários para todos com o objetivo de combater essa realidade, foi proposto a criação de um produto educacional que ressignifique o espaço das aulas de Educação Física, promovendo atividades pautadas por reflexões justas, equânimes e fundamentadas em uma pedagogia crítica. Este produto visa não

só aumentar a participação de todos os alunos, mas também gerar uma conscientização sobre as questões de gênero, desafiando preconceitos e estimulando o desenvolvimento de uma cultura de respeito e igualdade desde cedo.

Um produto educacional é um recurso prático projetado para ser aplicado diretamente em um ambiente educacional, neste caso, na Educação Física escolar, com o objetivo de resolver problemas práticos do cotidiano escolar, criando materiais, metodologias ou ferramentas inovadoras para os professores. Conforme Silva et al. (2020), tais produtos são estratégias pedagógicas inovadoras que atendem às demandas reais do contexto educacional, promovendo mudanças significativas nas práticas pedagógicas e contribuindo para a transformação do ambiente de ensino.

O produto educacional encontra-se concluído e estruturado, consistindo na Ficha Avaliadora das Relações de Gênero no Ultimate Frisbee, acompanhada de um manual de utilização que orienta sua aplicação pedagógica. A ficha foi desenvolvida de forma a contemplar critérios que incentivam momentos de fala, escuta e reflexão entre os participantes, promovendo a análise de atitudes e comportamentos durante as partidas. Dessa forma, o Ultimate Frisbee é compreendido não apenas como prática esportiva, mas como um espaço formativo que favorece o desenvolvimento de uma postura crítica, ética e dialogada entre os estudantes.

Além disso, a ficha foi construída a partir de uma linguagem acessível e próxima do cotidiano dos alunos, articulada com descrições avaliativas mais formais que possibilitam sua adaptação a diferentes contextos educacionais. Esse formato amplia o potencial de utilização do produto, especialmente para docentes da rede municipal de Sobral-CE, podendo também ser aplicado em outras realidades e práticas esportivas. O instrumento já contempla critérios relacionados à inclusão, participação, respeito e equidade de gênero, aspectos identificados durante a pesquisa como centrais nas dinâmicas das aulas. Durante as aulas de Ultimate Frisbee, a ficha é utilizada como ferramenta de mediação pedagógica, permitindo que os participantes registrem e reflitam sobre as ações ocorridas no jogo, sendo a pontuação final resultado do cumprimento dos critérios avaliativos estabelecidos, conforme orientações do manual.

2 MARCO TEÓRICO

O presente estudo será fundamentado em teorias feministas sobre gênero, explorando as relações de poder e as construções sociais que moldam as práticas e as percepções sobre as capacidades e os papéis de meninos e meninas nas aulas de Educação Física. Além disso, a utilização do *Ultimate Frisbee* como ferramenta pedagógica será central para promover um espaço de diálogo sobre essas questões, com o objetivo de sensibilizar os alunos e alunas a se tornarem seres humanos críticos e transformadores, capazes de questionar e desafiar as normas tradicionais de gênero.

Com base nessa perspectiva, a pesquisa irá estudar a obra de Costa et al. (2019), que aborda a história da modalidade do *Ultimate Frisbee* e as relações de gênero presentes nela, analisando como esse esporte pode ser um agente de mudança nas práticas pedagógicas e na formação dos alunos, com foco nas questões de igualdade e respeito. Essa análise será complementada pela leitura do livro *Educação Física Escolar e Justiça Social: Experiências Curriculares na Educação Básica* de Maldonado et al. (2022), que oferece uma reflexão sobre a importância de práticas pedagógicas inclusivas e socialmente justas no ensino de Educação Física, com ênfase na promoção de uma educação que respeite a diversidade e combata as desigualdades sociais e de gênero. Por meio dessa fundamentação teórica, a pesquisa buscará compreender as práticas de ensino que favorecem a equidade de gênero, utilizando o *Ultimate Frisbee* como uma metodologia inovadora para estimular uma formação mais crítica e igualitária entre os alunos.

2.1 A participação feminina nas aulas de Educação Física

Segundo Goellner (2005), o progresso histórico das mulheres nas aulas de Educação Física no Brasil foi marcado por diversas etapas de inclusão e reconhecimento de seus direitos à prática esportiva e à atividade física. No período colonial, o acesso das mulheres à educação formal era extremamente restrito, incluindo a educação física, devido às normas sociais que delimitavam as atividades femininas ao espaço doméstico. As práticas de atividade física voltadas para as mulheres nesse período eram frequentemente influenciadas por uma perspectiva altamente masculina, seja em um viés militar, esportivo ou higiênico, buscando essencialmente preparar as mulheres para uma maternidade “saudável”.

No século XIX, com a influência das ideias higienistas e a preocupação por uma população mais saudável, começaram a surgir algumas iniciativas de educação física para mulheres, especialmente nas camadas mais abastadas da sociedade. Algumas escolas para moças foram estabelecidas, apesar de focarem em uma visão bastante limitada da educação física feminina, visando preparar as mulheres para gestações adequadas e, por consequência, para uma maternidade saudável (COSTA; SANTOS; GÓIS JUNIOR, 2014).

No período colonial brasileiro (1500-1822), a educação física não se configurava como disciplina formal nas escolas, mas se manifestava por meio de práticas corporais ligadas à cultura, ao trabalho e à religiosidade. As atividades físicas eram determinadas pelas condições sociais e econômicas: os povos indígenas realizavam jogos, danças e exercícios com funções rituais e de preparação para a caça e a guerra; os colonizadores portugueses introduziram práticas de esgrima, equitação e atividades militares; e os africanos escravizados contribuíram com manifestações como a capoeira e danças de matriz africana. Tais práticas não tinham um caráter pedagógico estruturado, mas cumpriam funções de socialização, manutenção da saúde e expressão cultural. Segundo Ghiraldelli Júnior (1991), a educação física no Brasil só começa a se institucionalizar no século XIX, sendo no período colonial marcada pela ausência de sistematização escolar e pela predominância de práticas espontâneas e utilitárias.

Durante o período colonial, as práticas corporais possuíam valor social ligado à sobrevivência, à cultura e à hierarquia social. Entre as elites, atividades como esgrima, equitação e jogos europeus reforçavam distinções de status, enquanto indígenas e africanos preservavam práticas tradicionais, muitas vezes marginalizadas ou reprimidas. Esse cenário evidenciava uma visão utilitarista e fragmentada do corpo, ainda distante de uma concepção educacional sistematizada. A educação física, nesse contexto, não era reconhecida como área pedagógica, mas desempenhava papel relevante na socialização e na manutenção de padrões culturais, embora subordinada às necessidades coloniais (Ghiraldelli Júnior, 1991).

Com a transição do Brasil de uma economia agrária para uma economia industrial, especialmente a partir do final do século XIX e início do século XX, a educação física começou a ser incorporada ao projeto de modernização do país. Nesse momento, emergiu o movimento higienista, que associava práticas corporais à saúde pública, disciplina e produtividade, buscando moldar corpos “fortes” e “saudáveis” para atender às demandas do trabalho urbano-industrial. A valorização social da educação física passou a estar ligada à formação de cidadãos

adaptados ao novo ritmo industrial, reforçando ideais de ordem, progresso e prevenção de doenças, num alinhamento entre saúde, moral e trabalho (Soares, 2001).

A educação física, nesse processo, consolidou-se como instrumento estratégico de formação do cidadão e de organização social, atuando tanto no ambiente escolar quanto em instituições militares, espaços fabris e programas comunitários. O corpo passou a ser tratado como recurso produtivo, cuja preparação física era vista como requisito para o desenvolvimento econômico, para a defesa nacional e para a construção de uma identidade compatível com os ideais de modernidade. Essa mudança representou a transição de práticas espontâneas e culturais do período colonial para práticas sistematizadas e normativas, vinculadas a objetivos políticos, econômicos e higiênicos, reforçando o papel da educação física na modernização brasileira (Castellani Filho, 1988).

Foi apenas no século XX que surgiu um movimento mais significativo em direção à inclusão das mulheres na educação física de forma mais ampla. Com o surgimento de movimentos feministas e mudanças sociais mais amplas nas décadas de 1920, as mulheres começaram a reivindicar seu direito à prática esportiva e à educação física como uma forma de empoderamento e igualdade, desafiando estereótipos de gênero e reivindicando um espaço mais digno e justo na sociedade (WAGNER; COSTA, 2020).

Durante o regime militar (1964-1985), a educação física foi utilizada como ferramenta para fortalecer o corpo e a moral de homens e mulheres, à medida que o Brasil buscava se consolidar como uma potência esportiva. Contudo, a liberdade das mulheres era limitada pelos estereótipos de gênero dominantes na sociedade brasileira, que frequentemente as restringiam a papéis mais tradicionais (Ghiraldelli JR., 1988).

Segundo Lopes e Praxedes (2024), os preconceitos históricos e sociais continuam a influenciar a posição das mulheres, refletindo-se também nas práticas de educação física escolar. A educação física, ao promover práticas inclusivas e oferecer um espaço onde meninas e mulheres possam desafiar estereótipos e preconceitos, é uma ferramenta poderosa para promover a igualdade de gênero e o empoderamento feminino.

As políticas educacionais, como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), Lei nº 9.394/1996, foram de grande importância para a inserção da educação física no sistema educacional brasileiro, tornando-a componente curricular obrigatório da educação básica, do ensino infantil ao ensino médio. Embora a questão de gênero na educação física ainda

não esteja explicitamente abordada, a LDB estabelece uma base para a implementação de práticas mais equitativas e inclusivas (BRASIL, 1996).

Atualmente, as aulas de educação física têm mostrado avanços significativos em relação à igualdade de gênero e à promoção da inclusão. No entanto, a realidade ainda pode variar de acordo com a abordagem do professor de educação física e a maneira como ele aplica a responsabilidade em suas práticas pedagógicas. É fundamental continuar avançando na construção de um ambiente educacional mais justo e igualitário, capaz de proporcionar às meninas e mulheres oportunidades reais de participação e reconhecimento nas práticas corporais.

2.2 Os conteúdos e sua atração pela aptidão física e por um sujeito padronizado

A escola deveria ser um ambiente acolhedor, um espaço de trocas múltiplas de aprendizagem, mas, infelizmente, ainda reflete a restrição da inserção feminina no espaço coletivo, especialmente nas aulas de Educação Física. É comum observar, nos momentos de intervalo, os meninos ocupando amplos espaços para praticar atividades físicas enquanto muitas meninas se reúnem em grupos, sem se engajar em atividades físicas. Essa distinção de comportamentos também se reflete nas aulas de Educação Física, onde alguns meninos tentam ditar as regras e acabam as excluindo, impondo-lhes determinadas atividades, como se houvesse uma divisão de tarefas com base no gênero (Oliveira; Azevedo, 2018).

Dentro da dinâmica escolar, o afastamento das meninas das atividades físicas é uma realidade que começa muito antes da educação formal, sendo visível até nas brincadeiras e jogos informais no ambiente externo. A exclusão das meninas ocorre por diversos fatores, incluindo a autoafirmação dos meninos, que alegam que as meninas não sabem "jogar", muitas vezes sem sequer saber qual prática está sendo proposta. Essa atitude reforça a cultura machista e perpetua a desigualdade (Altmann, 2018).

Embora o futsal seja a prática preferida de muitos meninos, muitas meninas também se sentem atraídas por essa modalidade, mas acabam sendo relegadas a bancos de reserva ou a uma posição de mera espectadora. Darido (2018) explica que a diferença de participação entre meninos e meninas pode ser pela predominância de atividades socialmente associadas ao gênero masculino nas aulas de Educação Física, o que leva as meninas a experimentarem maior sensação de fracasso e exclusão, especialmente quando não se sentem capazes de competir tecnicamente com os meninos. Isso acaba reforçando estereótipos de gênero, limitando as

oportunidades das meninas para o desenvolvimento de suas habilidades físicas e de sua autoconfiança.

Portanto, para combater essa desigualdade, é fundamental que os professores adotem estratégias pedagógicas participativas que reconheçam e valorizem as capacidades de todos os alunos, independentemente do gênero. Diversificar as modalidades esportivas, que tradicionalmente são associadas aos meninos, como o futsal e o basquete, e incluir outras práticas esportivas que incentivem a cooperação e o diálogo entre os alunos, pode ser uma solução eficaz. Além disso, a promoção de um ambiente escolar que celebre a diversidade e as oportunidades iguais é essencial.

Conforme Silva (2015), “a inclusão de práticas pedagógicas equitativas é essencial para transformar o cenário educacional e combater a discriminação de gênero”. Assim, as aulas de Educação Física podem se tornar espaços onde todos os estudantes se sintam valorizados e motivados a participar ativamente, promovendo uma cultura de respeito e igualdade de oportunidades para todos e todas.

2.3 O Ultimate Frisbee como uma iniciativa de ruptura na unidade temática dos esportes

O Ultimate Frisbee, um esporte alternativo, desafia a concepção tradicional dos esportes ao promover uma abordagem única baseada na colaboração, no respeito mútuo e na autorregulação, sem árbitros. O conceito de "espírito do jogo", como destacado por Bizzini (2021), valoriza a integridade e a honestidade, promovendo não apenas a autonomia dos jogadores, mas também uma maior compreensão das regras e do fair play, elementos essenciais para o desenvolvimento ético no esporte (Teixeira, 2020).

Uma característica fundamental do Ultimate Frisbee é sua estrutura inclusiva e não hierárquica. Ao contrário de esportes tradicionais, que muitas vezes priorizam rankings e uma competitividade excessiva, o Ultimate promove a colaboração, permitindo que pessoas de diferentes idades, gêneros e níveis de habilidade participem igualmente. Silva e Oliveira (2019) destacam que o Ultimate pode ser um exemplo de inclusão social ao desafiar as normas tradicionais dos esportes, que frequentemente sustentam desigualdades de gênero, especialmente nas aulas de educação física. Essa abordagem se alinha com os esforços atuais para democratizar o acesso ao esporte e promover uma maior diversidade (Araújo; Souza, 2022).

No contexto escolar, o *Ultimate Frisbee* pode ser uma poderosa ferramenta para promover a igualdade de gênero, especialmente em aulas mistas. A ausência de contato físico agressivo e a ênfase na cooperação tornam essa modalidade acessível a todos, independentemente de gênero ou habilidade. Oliveira e Silva (2021) afirmam que o *Ultimate* é crucial para a desconstrução de estereótipos de gênero, proporcionando um espaço onde meninos e meninas podem competir e colaborar de forma justa. Além disso, o “espírito do jogo” fomenta a resolução pacífica de conflitos, fortalecendo competências socioemocionais essenciais.

Contudo, a implementação do *Ultimate Frisbee* nas aulas de Educação Física também enfrenta desafios, como a resistência de estudantes acostumados a esportes competitivos e hierárquicos, como futebol e basquete. Souza e Almeida (2022) sugerem que é necessário um trabalho pedagógico cuidadoso para superar essas resistências, promovendo uma cultura esportiva mais inclusiva. Estratégias didáticas que incentivem a reflexão crítica, o diálogo e a experimentação de diferentes papéis durante o jogo, como proposto por Freire e Campos (2020), podem facilitar essa transição.

O *Ultimate Frisbee*, embora recente em sua popularização no Brasil, tem ganhado destaque, especialmente a partir dos anos 2000. Sua dinâmica, que envolve passes e recepções com um disco, exige habilidades físicas e estratégicas, como coordenação motora e condicionamento físico (Bertasso; Beltramelli, 2018). O fato de permitir que homens e mulheres joguem juntos em uma equipe é uma característica essencial para a promoção de igualdade e cooperação no esporte, permitindo que todos, independentemente do gênero, possam participar ativamente e contribuir para o desempenho da equipe.

No nível tático, o *Ultimate Frisbee* oferece variações e estratégias que podem ser adaptadas conforme as condições dos jogadores, lembrando aspectos de esportes como futebol americano e rugby. A regra que proíbe o contato físico promove uma prática mais segura, destacando a importância do trabalho em equipe e da comunicação eficaz (Moraes et al., 2019).

O crescimento do *Ultimate Frisbee* no Brasil, com ligas amadoras e torneios nacionais, reflete a popularidade crescente do esporte. A Confederação Brasileira de Ultimate (CBU) tem incentivado a prática em diversas regiões, alinhando-se com as novas Bases Curriculares Nacionais (BNCC), que incentivam o desenvolvimento de valores éticos e colaborativos por meio do esporte (Colleiva et al., 2021). Dentro do currículo escolar, o *Ultimate Frisbee* pode ser um conteúdo ultraformativo, promovendo a equidade de gênero e a integração de meninos

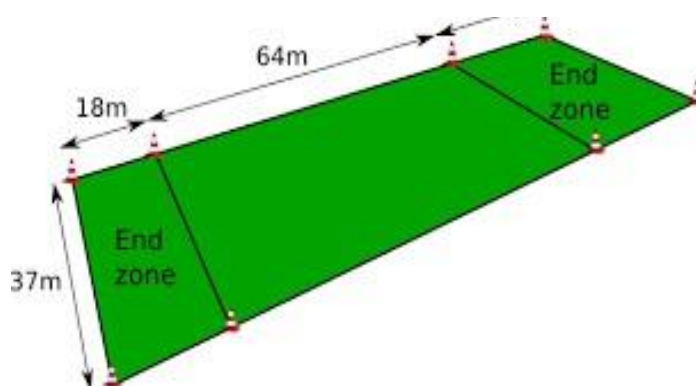
e meninas em uma prática esportiva colaborativa e inclusiva. A ausência de árbitros e a autoarbitragem dos jogadores refletem um ambiente onde o respeito mútuo é central, tornando o jogo uma poderosa ferramenta para combater estereótipos de gênero e fomentar a confiança entre os estudantes, especialmente as meninas (Nunes, 2022).

De acordo com Rodrigues (2021), muitas meninas, frequentemente subestimadas em esportes tradicionais, encontram no Ultimate uma oportunidade para desenvolver suas habilidades, tornando-se participantes ativas sem a pressão da competição tradicional. Essa abordagem valoriza a diversidade de habilidades e contribui para um ambiente esportivo mais inclusivo e respeitoso, com ênfase no desenvolvimento de competências socioemocionais e na promoção de valores de cidadania, respeito e igualdade.

Martins e Moura (2019) consideram o Ultimate Frisbee uma prática esportiva progressista, pois permite que homens e mulheres joguem juntos, tanto em competições escolares quanto profissionais, sem discriminação. A abordagem pedagógica do Ultimate no ambiente escolar pode redefinir as relações de poder entre os gêneros, promovendo um espaço inclusivo onde todos os participantes podem se desenvolver e compreender a importância da colaboração, do respeito e da justiça social nas práticas esportivas. Assim, o Ultimate Frisbee oferece uma oportunidade única de integrar valores éticos e de inclusão no currículo de Educação Física, contribuindo para a formação de cidadãos mais conscientes e engajados.

2.4 As principais regras do Ultimate Frisbee

Figura 1 - O campo de jogo



Fonte: Noronha (2014)

O campo oficial de Ultimate Frisbee tem formato retangular, medindo 100 metros de comprimento por 37 metros de largura, incluindo as duas zonas de pontuação (end zones), que possuem 18 metros de profundidade cada uma. O campo é demarcado por linhas claras e visíveis, e sua área de jogo principal (campo ativo) tem 64 metros de comprimento por 37 metros de largura. Essas dimensões seguem os padrões estabelecidos pela Confederação Brasileira de Ultimate (CBU) e são fundamentais para o desenvolvimento adequado do jogo, respeitando as normas internacionais da Federação Mundial de Ultimate (WFDF) (Colleiva et al., 2021).

Figura 2 - Disco de Frisbee



Fonte: Google (2025)

O disco de frisbee é um equipamento circular feito de plástico resistente e leve, que proporciona durabilidade e boa aerodinâmica. Seu diâmetro é geralmente cerca de 27 centímetros, com peso padrão oficial em torno de 175 gramas. Possui bordas arredondadas e espessura fina, aproximadamente 2 a 3 centímetros, o que favorece um voo estável e preciso. A superfície texturizada melhora a aderência durante o arremesso e a captura, e as cores vivas facilitam a visualização durante o jogo (Colleiva et al., 2021).

As principais regras segundo a Federação Paulista de Disco (Frisbee Brasil) são:

- O Ultimate Frisbee não possui juiz, os próprios jogadores é que marcam as infrações durante o jogo;

- O jogo começa com os 7 jogadores de cada time alinhados em sua própria linha de defesa. Para começar um time lança o disco para o outro e no local onde ele for pego ou onde ele cair, o outro time começa a jogar;
- O jogador que tem a posse do disco não pode correr, devendo passar o disco a um companheiro de equipe e podendo movimentar apenas um dos pés, fixando o outro como o pé de apoio;
- A equipe que tem a posse do disco não poderá deixá-lo cair no chão, caso contrário, a posse do disco passará a ser da equipe adversária;
- O objetivo da equipe que está atacando (que possui a posse do disco) é capturar o disco dentro da área do gol (end zone) antes que este toque o chão, para assim marcar um ponto;
- A equipe de defesa (que está sem a posse do disco) tem o objetivo de interceptar o disco no ar ou fazer com que a equipe de ataque derrube o disco no chão para assim poder atacar;
- Não pode existir o contato físico direto e intencional entre os oponentes;
- Cada jogador tem 10 segundos para lançar o disco para o seu companheiro de equipe. E a contagem dos 10 segundos é feita em voz alta pelo jogador que está marcando, em intervalos de 1 segundo;
- No caso de pedido de falta os jogadores envolvidos no lance devem discutir o ocorrido e optar, em caso de acordo, continua a jogada da onde ela foi interrompida ou em caso de discordância o lance deve ser jogado novamente;
- Cada partida tem duração de 1 hora e quarenta minutos ou até que uma das equipes marque 17 pontos.

Uma peculiaridade desse esporte é que ele pode ser praticado por categorias compostas somente por homens (modalidade open), somente por mulheres (modalidade feminina) ou por homens e mulheres juntos (modalidade mista). Todas essas categorias são desenvolvidas no Brasil e podem ser praticadas por pessoas de todas as idades.

2.5 Do espírito de jogo para o espírito de jogar de forma equânime nas aulas de educação física

O conceito de “espírito de jogo” no Ultimate Frisbee, que valoriza honestidade, respeito e cooperação sem a necessidade de árbitros, é fundamental para a dinâmica do esporte, mas também gera discussões sobre sua aplicabilidade e os desafios de sua implementação,

especialmente no contexto escolar. Esse princípio propõe uma alternativa à lógica competitiva predominante nos esportes tradicionais, promovendo a autorregulação dos jogadores e a construção de um ambiente de respeito mútuo. No entanto, como observado por Martins (2021), a ênfase no fair play pode ser vista como um atenuante da competitividade, que é frequentemente associada ao esporte moderno. Isso levanta o debate sobre como equilibrar competição e cooperação nas aulas de Educação Física.

Para muitos/as alunos/as, especialmente aqueles com uma formação em esportes convencionais, a ideia de jogar sem árbitros e priorizando o respeito mútuo pode ser estranha ou difícil de internalizar. Figueiredo (2022) argumenta que, para a prática do “espírito de jogo” ser bem-sucedida nas aulas de Educação Física, é necessária uma abordagem pedagógica que vá além do ensino técnico e promova habilidades socioemocionais, como empatia e respeito. Essa abordagem requer que os professores integrem, de forma gradual, esses valores nos alunos, refletindo criticamente sobre as atitudes esperadas durante as atividades.

A transição do “espírito de jogo” para o conceito de “espírito de jogo limpo” nas aulas de Educação Física apresenta uma outra camada de reflexão. Oliveira (2023) destaca que o espírito de jogo limpo não é uma oposição à competitividade, mas uma forma de equilibrá-la com a promoção de um ambiente saudável e inclusivo. A implementação desse espírito limpo nas aulas de Educação Física visa garantir que a competição aconteça dentro de um contexto ético, onde os valores de respeito e cooperação prevalecem. A ausência dessa compreensão no ambiente escolar representa uma barreira à equidade e à inclusão, pois a falta de uma cultura de fair play pode perpetuar práticas de exclusão e desigualdade nos jogos, prejudicando a criação de um ambiente mais inclusivo e colaborativo.

Dessa forma, o desafio reside em integrar esses princípios de maneira progressiva, utilizando o esporte como um espaço para ensinar não apenas habilidades físicas, mas também cidadania e justiça social, promovendo a construção de valores fundamentais para a convivência harmônica e respeitosa entre os estudantes.

2.6 O Ultimate Frisbee como fluxo de urgência social: Construindo inclusão e engajamento nas práticas escolares

O Ultimate Frisbee se destaca como uma poderosa ferramenta pedagógica na Educação Física, especialmente por sua abordagem única e ética no esporte. A ausência de árbitros e a ênfase no “espírito de jogo” transformam o Ultimate em uma prática que vai além do

desenvolvimento físico, buscando também o fortalecimento das habilidades sociais e éticas dos participantes. Ao invés de se concentrar exclusivamente na competição, o esporte promove um ambiente onde a autorregulação, o respeito e a responsabilidade compartilhada são fundamentais. Essa filosofia de cooperação e autogestão, onde todos assumem papéis de liderança e mediação, cria uma atmosfera única de inclusão e diálogo, permitindo que os jogadores se envolvam tanto no aspecto técnico quanto nos aspectos sociais e emocionais do jogo.

Diferente dos esportes tradicionais, em que a rivalidade e o confronto direto muitas vezes são as forças motrizes, o Ultimate enfatiza a colaboração e o fair play. Essa dinâmica permite que todos os jogadores, independentemente do nível técnico, se sintam parte integral do grupo. A prática constante do Ultimate nas aulas de Educação Física ajuda a construir uma nova visão sobre o esporte, não como uma batalha para superar o outro, mas como uma oportunidade de autossuperação e colaboração. Além disso, o conceito de que "o maior adversário é o respeito e a cooperação" se torna uma lição fundamental, promovendo o entendimento de que, durante o jogo, todos têm o papel de autorreguladores e árbitros de suas ações, e isso deve ser respeitado. Ao introduzir o Ultimate Frisbee no contexto escolar, não se está apenas envolvendo os alunos em uma modalidade esportiva, mas se promovendo uma mudança de paradigma sobre o esporte e sua função social. Como destaca Martins (2023), o "espírito de jogo" cria uma atmosfera propícia ao jogo limpo e à autogestão, promovendo uma cultura de respeito, aceitação e construção de valores coletivos. O Ultimate não só propõe uma abordagem mais ética do esporte, mas também contribui para a desconstrução de preconceitos e para o fortalecimento da cooperação e do respeito mútuo, aspectos essenciais para o desenvolvimento social e emocional dos estudantes.

Esse esporte, portanto, vai além de sua natureza competitiva e física, cumprindo uma função social significativa. A prática do Ultimate proporciona uma experiência que rompe com os padrões tradicionais de competição, incentivando os estudantes a se engajarem em algo maior, que não é apenas a vitória sobre o adversário, mas a construção de uma comunidade inclusiva e respeitosa. Essa vivência cria uma base sólida para o desenvolvimento de competências que podem ser aplicadas em outras unidades temáticas da Educação Física, sempre com um alicerce de inclusão, criticidade e respeito, essenciais para a formação de cidadãos conscientes e participativos.

2.7 A hora e a vez de reparar historicamente o papel das estudantes na Educação Física escolar

O capítulo foi elaborado com o objetivo de compreender a produção acadêmica atual sobre o uso do Ultimate Frisbee nas aulas de Educação Física Escolar e as relações de gênero nesse contexto. Para isso, foi realizada uma revisão integrativa das publicações disponíveis, que é uma abordagem metodológica ampla capaz de oferecer um panorama consistente sobre determinado conceito ou tema (Souza, Silva; Carvalho, 2010).

Na prática, a revisão integrativa não segue um padrão linear, mas, conforme o estudo de Souza, Silva e Carvalho (2010), ela é dividida em cinco fases: estruturação da questão norteadora; busca e seleção de textos; seleção de informações dos textos; análise dos estudos incluídos e seus resultados; e apresentação da revisão. As questões norteadoras desta pesquisa são: "O que tem sido produzido academicamente sobre a utilização do Ultimate Frisbee nas aulas de Educação Física Escolar?" e "Como as relações de gênero têm sido trabalhadas no Ultimate Frisbee nas aulas de Educação Física Escolar?"

A pesquisa foi realizada no Google Acadêmico, e devido ao grande volume de resultados irrelevantes nas buscas iniciais, optou-se por incluir apenas estudos publicados nos últimos sete anos (2017 a 2024). Os critérios de inclusão foram: trabalhos desenvolvidos no cenário brasileiro e que abordassem especificamente o Ultimate Frisbee nas aulas de Educação Física Escolar e as relações de gênero no esporte. Estudos que não atendiam a esses critérios foram excluídos.

Ao buscar pela frase "O 'ultimate frisbee' nas aulas de educação física escolar", foram encontrados 279 resultados. Após a filtragem, 8 trabalhos mais alinhados com o foco do projeto foram selecionados. No entanto, ao pesquisar por "O ultimate frisbee e as relações de gênero na educação física escolar", os resultados foram mais escassos, com apenas 121 referências, das quais apenas 2 tratavam especificamente das relações de gênero no contexto do Ultimate Frisbee na Educação Física Escolar. Outro fator que chamou a atenção durante a pesquisa, é que nenhum trabalho foi publicado no Ceará, reforçando ainda mais a necessidade em desenvolver o trabalho nessa linha de pesquisa.

2.8 Caracterização da pesquisa

Com o objetivo de identificar os possíveis temas e assuntos discutidos nos principais trabalhos, optou-se por desenvolver um quadro expondo, título, autor, objetivo, discussão central, local do estudo e se utilizou a ficha de jogo.

Tabela 1 - Caracterização das pesquisas por título, autor e ano, objetivo, discussão central, local do estudo e utilização da ficha de jogo.

Nº	TÍTULO	AUTOR	OBJETIVO	DISCUSSÃO CENTRAL	LOCAL DO ESTUDO	UTILIZOU A FICHA DE JOGO?
	O ULTIMATE FRISBEE COMO CONTEÚDO DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR NO ENSINO FUNDAMENTAL I	Cassemiro (2024)	Analisar a aplicação do conteúdo Ultimate Frisbee nas aulas de Educação Física para o 4º ano do Ensino Fundamental.	Conhecer as regras, história, como se joga e sua contribuição na ética e moral esportiva.	Cidade de Paiçandu-PR.	Não
	MATERIAL DIDÁTICO DIGITAL E FRISBEE: UMA PROPOSTA DE ENSINO POR MEIO DE JOGOS PARA O ENSINO MÉDIO	Pallos (2022)	Elaborar um blog educacional sobre o Ultimate Frisbee a partir do ensino por meio de jogos como uma proposta para auxiliar os professores de EFE na elaboração de aulas.	Oferecer suporte à professores de EFE para elaborarem suas aulas a partir deste material didático digital e consequentemente disponibilizar maior acervo Da cultura Corporal aos alunos	Maringá-PR	Não
	FORTALECENDO A TOLERÂNCIA NO AMBIENTE ESCOLAR ATRAVÉS DE UM PROGRAMA DE ESPORTES RECREATIVOS DE FRISBEE	Elles (2022)	fortalecer a tolerância com os alunos do 8º ano da Escola Fundación Pies Descalzos de Barranquilla através de um programa recreacional-esportivo de ultimate frisbee	constatou-se que os alunos apresentavam problemas de tolerância, por meio da aplicação de uma pesquisa que visava avaliar diversos aspectos do comportamento quanto às atitudes dos colegas e algumas condições ambientais	Barranquilla - COL	Não

	ULTIMATE FRISBEE:NOVA PRÁTICA ESPORTIVA NOS CURRÍCULOS ESCOLARES	Lettnin (2021)	proporcionar inovação de práticas físico-esportivas nos currículos escolares.	O UF é acessível a todos os níveis de ensino e faixas-etárias. Entretanto ainda é mais praticado por meninos.	Rio Grande do Sul - RS	Não
--	--	----------------	---	---	------------------------	-----

Fonte: Elaborada pelo próprio autor (2024).

As pesquisas analisadas evidenciam que a principal motivação para a utilização do Ultimate Frisbee (UF) nas aulas de Educação Física é sua inserção na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) como uma prática inovadora. Contudo, as intervenções voltadas para as relações de gênero no contexto do UF ainda carecem de maior aprofundamento. Nenhuma das publicações identificadas menciona a utilização da ficha de jogo com base nas regras oficiais do esporte, o que indica uma lacuna significativa no uso desse recurso pedagógico para promover reflexões sobre equidade e coeducação.

Uma exceção relevante foi encontrada em um estudo realizado em Barranquilla, na Colômbia, país de destaque na prática do UF na América Latina. Esse trabalho analisou o impacto do UF no combate à intolerância entre alunos do 8º ano de uma escola local. Ainda que não abordasse diretamente as relações de gênero, traz uma contribuição valiosa ao explorar o potencial do UF para lidar com questões sociais no ambiente escolar.

Tabela 2 - Caracterização das pesquisas por título, autor e ano, objetivo, discussão central, local do estudo e utilização da ficha de jogo.

Nº	TÍTULO	AUTOR	OBJETIVO	DISCUSSÃO CENTRAL	LOCAL DO ESTUDO	UTILIZOU A FICHA DE JOGO?
	SISTEMATIZAÇÃO DO ULTIMATE FRISBEE PARA A EDUCAÇÃO FÍSICA	Oliveira (2019)	Sistematizar o UF como conteúdo da para a Educação Física Escolar	Os alunos têm interesse em atividades novas, a falta de materiais as vezes atrapalha.	Brasília - DF	Não
	PERFIL E MOTIVAÇÕES DE PRATICANTES DE UF NA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA	Costa (2017)	Analisar a motivação dos universitários que frequentam a disciplina prática desportiva na universidade de Brasília, na modalidade UF	Curiosidade, interesse por uma prática nova.	Brasília - DF	Não

	REPENSANDO AS RELAÇÕES DE GÊNERO NAS VIVÊNCIAS DO ULTIMATE FRISBEE NA ESCOLA	Silveira (2019)	refletir como as relações de gênero foram vivenciadas, problematizadas e modificadas na realização do projeto Ultimate Frisbee: vivências e reflexões táticas utilizando recursos midiáticos nas aulas de educação física.	A discussão de gênero surgiu durante as aulas, em virtude deste esporte ser composto oficialmente pela categoria mista, em que meninos e meninas jogaram juntos, gerando conflitos que precisaram ser discutidos e repensados.	Natal - RN	Não
	RELAÇÕES DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO FÍSICA: REVISÃO SISTEMÁTICA A PARTIR DE PERIÓDICOS CIENTÍFICOS DA EDUCAÇÃO FÍSICA BRASILEIRA	Ribeiro (2023)	O objetivo da pesquisa foi analisar as ações pedagógicas de professores de Educação Física para mediar conflitos relacionados às questões de gênero no contexto escolar.	A pesquisa apresenta um estudo realizado sobre os conflitos que envolvem as relações de gênero nas aulas de Educação Física.	São Cristóvão - SE	Não

Fonte: Elaborada pelo próprio autor (2024).

A ficha de jogo adaptada no Ultimate Frisbee se apresenta como um recurso pedagógico promissor para aprofundar debates sobre coeducação e igualdade de gênero. Essa ferramenta permite ir além da execução técnica ou tática do jogo, incorporando uma avaliação que também considera aspectos atitudinais e conceituais. Por meio dessa abordagem, é possível fomentar uma análise crítica e reflexiva sobre a participação de alunos e alunas, contribuindo para desconstruir estereótipos de gênero ainda prevalentes nas escolas.

Ao promover a inclusão e valorizar comportamentos que favoreçam a igualdade de oportunidades entre meninos e meninas, a ficha de jogo adaptada cria um ambiente de aprendizagem pautado no respeito mútuo e na colaboração. Assim, ela não apenas contribui para o desenvolvimento de habilidades motoras e estratégicas, mas também estimula uma reflexão mais ampla sobre as questões sociais subjacentes ao esporte.

Esse estudo destaca-se por explorar o potencial pedagógico do Ultimate Frisbee enquanto ferramenta de transformação educacional, alinhando-se a princípios de justiça social, equidade e formação cidadã. Diante das persistentes desigualdades de gênero nas escolas, a

adaptação da ficha de jogo surge como uma metodologia inovadora para questionar e modificar práticas tradicionais, posicionando a Educação Física como um espaço de inclusão e empoderamento para todos os alunos e alunas.

2.8.1 Ausência na utilização da ficha de jogo

Os nove trabalhos encontrados relacionados à temática deste projeto demonstraram que a ficha de jogo, que será o produto educacional desenvolvido ao final da pesquisa, ainda não foi utilizada em nenhuma dessas publicações, nem mesmo em formatos adaptados. Essa ausência reforça a relevância e a originalidade da proposta deste projeto.

No cenário brasileiro, a utilização da ficha de Espírito de Jogo no Ultimate Frisbee desempenha papel fundamental para reforçar valores como respeito, fair play, cooperação e autorregulação das regras, aspectos centrais para a filosofia do esporte. Entretanto, observa-se que, na grande maioria dos jogos e competições, a ficha utilizada encontra-se apenas em inglês, sem uma tradução oficial amplamente reconhecida (World flying disc federation, 2020). Essa barreira linguística pode limitar a compreensão plena dos critérios por parte de jogadores iniciantes, professores e organizadores, comprometendo a efetividade do processo avaliativo e formativo. A adaptação e oficialização de uma versão em português não apenas facilitaria o entendimento, mas também contribuiria para a democratização da modalidade no país, fortalecendo seu uso como ferramenta pedagógica no ensino de Educação Física e em programas de inclusão social.

Figura 3 - Ficha de espírito de jogo

Day	Your Team Name (division)														
SPRIT OF THE GAME SCORE SHEET															
Your whole team should be involved in rating the other team! Circle one box in each of the five lines and sum up the points to determine the SOTG score for the other team.															
1. Rules Knowledge and Use Examples: They did not purposefully misinterpret the rules. They kept to time limits. When they didn't know the rules they showed a real willingness to learn.															
<table border="1"> <thead> <tr> <th>Poor</th> <th>Not Good</th> <th>Good</th> <th>Very Good</th> <th>Excellent</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>0*</td> <td>1</td> <td>2</td> <td>3</td> <td>4*</td> </tr> </tbody> </table>						Poor	Not Good	Good	Very Good	Excellent	0*	1	2	3	4*
Poor	Not Good	Good	Very Good	Excellent											
0*	1	2	3	4*											
2. Fouls and Body Contact Examples: They avoided fouling, contact, and dangerous plays.															
<table border="1"> <thead> <tr> <th>Poor</th> <th>Not Good</th> <th>Good</th> <th>Very Good</th> <th>Excellent</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>0*</td> <td>1</td> <td>2</td> <td>3</td> <td>4*</td> </tr> </tbody> </table>						Poor	Not Good	Good	Very Good	Excellent	0*	1	2	3	4*
Poor	Not Good	Good	Very Good	Excellent											
0*	1	2	3	4*											
3. Fair-Mindedness Examples: They apologized in situations where it was appropriate, informed teammates about wrong/unnecessary calls. Only called significant breaches															
<table border="1"> <thead> <tr> <th>Poor</th> <th>Not Good</th> <th>Good</th> <th>Very Good</th> <th>Excellent</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>0*</td> <td>1</td> <td>2</td> <td>3</td> <td>4*</td> </tr> </tbody> </table>						Poor	Not Good	Good	Very Good	Excellent	0*	1	2	3	4*
Poor	Not Good	Good	Very Good	Excellent											
0*	1	2	3	4*											
4. Positive Attitude and Self-Control Examples: They were polite. They played with appropriate intensity irrespective of the score. They left an overall positive impression during and after the game.															
<table border="1"> <thead> <tr> <th>Poor</th> <th>Not Good</th> <th>Good</th> <th>Very Good</th> <th>Excellent</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>0*</td> <td>1</td> <td>2</td> <td>3</td> <td>4*</td> </tr> </tbody> </table>						Poor	Not Good	Good	Very Good	Excellent	0*	1	2	3	4*
Poor	Not Good	Good	Very Good	Excellent											
0*	1	2	3	4*											
5. Communication (NEW) Examples: They communicated respectfully. They listened. They kept to discussion time limits.															
<table border="1"> <thead> <tr> <th>Poor</th> <th>Not Good</th> <th>Good</th> <th>Very Good</th> <th>Excellent</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>0*</td> <td>1</td> <td>2</td> <td>3</td> <td>4*</td> </tr> </tbody> </table>						Poor	Not Good	Good	Very Good	Excellent	0*	1	2	3	4*
Poor	Not Good	Good	Very Good	Excellent											
0*	1	2	3	4*											
Summing the results Sum the results of every category to a final number and write it into these boxes (the end result should be between 0 and 20).															
<table border="1"> <tr> <td colspan="5" style="text-align: center;">II</td> </tr> <tr> <td colspan="5" style="text-align: center;">Spirit Score Total</td> </tr> </table>						II					Spirit Score Total				
II															
Spirit Score Total															
Comment Box If you have selected 0 or 4* in any category, please explain in few words what happened. Compliments as well as negative feedback will be passed to the teams in the appropriate manner.															



Fonte: Word flying disc Federation (2014)

O Espírito de Jogo (Spirit of the Game) é um princípio fundamental do Ultimate Frisbee que destaca a importância do respeito mútuo, da honestidade e do fair play entre os jogadores, dispensando a necessidade de árbitros oficiais durante as partidas. A ficha oficial que avalia o Espírito de Jogo é originalmente redigida em inglês, uma vez que o Ultimate é um esporte internacional com normas estabelecidas pela Federação Mundial de Ultimate (WFDF). No entanto, para facilitar a compreensão e aplicação do conceito em países de língua portuguesa, como o Brasil, essa ficha foi adaptada e traduzida, buscando manter a fidelidade aos valores originais e garantir a efetiva avaliação dos aspectos comportamentais e éticos dos atletas durante as competições (COLLEIVA et al., 2021).

A ficha de jogo no contexto do Ultimate Frisbee é uma ferramenta pedagógica para incentivar uma prática esportiva que seja mais consciente, reflexiva comportamentos dos jogadores e incentiva a criação de estratégias inovadoras, contribuindo para um desenvolvimento integral dos praticantes.

Conforme apontado por Martins e Silva (2021), a ficha de jogo é um recurso pedagógico que vai além da avaliação técnica, oferecendo ao professor uma perspectiva ampliada sobre a

comunicação, cooperação e o respeito às regras durante as partidas. Isso é particularmente significativo no Ultimate Frisbee, um esporte que não depende de árbitros, mas da autorregulação dos próprios jogadores. Nesse contexto, a ficha de jogo se torna um elemento essencial para registrar e refletir sobre ações de fair play e identificar momentos em que os princípios éticos do jogo foram desrespeitados, traduzindo a ética em ações concretas.

De acordo com Souza e Ferreira (2023), a ficha de jogo também desempenha um papel relevante no enfrentamento das desigualdades de gênero. Ela permite ao professor monitorar a participação de meninos e meninas, promovendo maior engajamento de forma equitativa. Esses autores afirmam que "a ficha de jogo funciona como um recurso reflexivo e formativo, provocando o aluno a refletir sobre sua presença no jogo e a importância da paridade em uma atividade esportiva" (p. 134). Por meio dela, é possível criar um ambiente de aprendizagem mais inclusivo e justo, onde os alunos desenvolvem uma compreensão mais profunda das questões éticas e sociais associadas ao esporte.

Além disso, a ficha de jogo oferece uma abordagem pedagógica crítica, permitindo que os professores organizem dados sobre as partidas, identifiquem padrões comportamentais e avaliem o progresso dos alunos em diversos aspectos, incluindo habilidades socioemocionais. Isso não apenas enriquece o ambiente esportivo, mas também promove o desenvolvimento de competências que podem ser aplicadas em outros contextos sociais.

Portanto, a utilização da ficha de jogo no ensino do Ultimate Frisbee representa uma estratégia inovadora e necessária, não apenas para otimizar a prática do esporte nas aulas de Educação Física, mas também para fomentar um ambiente educativo que valorize inclusão, justiça e reflexões éticas.

2.8.2 Reflexão sobre a sistematização do quadro

O quadro situacional apresentado evidencia a diversidade de abordagens nos estudos relacionados ao Ultimate Frisbee no contexto da Educação Física Escolar e em cenários educacionais mais amplos. As temáticas abordadas refletem um leque variado de interesses acadêmicos, que vão desde propostas pedagógicas até questões socioculturais, ampliando as perspectivas sobre a utilização desse esporte como ferramenta educacional.

Entre os destaques, estudos como os de Costa (2019) e Silva (2022) concentram-se na sistematização do esporte e sua relação com epistemologias educacionais. Por outro lado, trabalhos como os de Silveira (2019) exploram as relações de gênero, promovendo reflexões

importantes sobre o papel do Ultimate Frisbee na desconstrução de estereótipos de gênero. Adicionalmente, estudos como o de Pallos (2022) introduzem a inovação tecnológica, propondo o uso de blogs educacionais como ferramenta de ensino.

Os objetivos dos estudos refletem essa pluralidade, ampliando o foco além da técnica esportiva para incorporar temas como tolerância, inclusão e inovação curricular. Enquanto Lettnin (2021) ressalta a acessibilidade do Ultimate Frisbee, Ribeiro (2023) e Silveira (2019) o conectam a práticas que favorecem a equidade de gênero. Já Costa (2019) evidencia as dificuldades materiais enfrentadas no ensino desse esporte em ambientes escolares.

2.8.3 Lacunas Identificadas

- **Falta de Aplicação Prática em Contextos Escolares**

Embora os estudos apontem o potencial pedagógico do Ultimate Frisbee, poucos investigam sua aplicação prática no ensino fundamental e médio. A ausência de ferramentas como a ficha de jogo para mediar e avaliar a prática esportiva é notável, especialmente em contextos educacionais que demandam maior atenção aos aspectos éticos e inclusivos.

- **Distribuição Geográfica Desigual**

Observa-se uma concentração de pesquisas nas regiões Sul e Sudeste do Brasil (Paraná, Rio Grande do Sul, São Paulo e Minas Gerais), além de uma contribuição internacional na Colômbia. Por outro lado, o Nordeste brasileiro permanece sub-representado, com exceção do trabalho de Silveira (2019) em Natal, RN. Essa lacuna regional sugere a necessidade de incentivar estudos que capturem as particularidades de outras regiões do Brasil.

- **Ausência de Instrumentos Pedagógicos Específicos**

Nenhum dos estudos revisados utilizou a ficha de jogo como ferramenta pedagógica. Essa ausência indica um potencial ainda inexplorado para seu uso como instrumento para avaliar aspectos como ética, inclusão e comportamento durante as aulas de Educação Física. Em um esporte como o Ultimate Frisbee, que valoriza o jogo justo e a autorregulação, a ficha de jogo pode se tornar uma poderosa ferramenta formativa.

- **Conclusão e Perspectivas futuras**

O cenário apresentado aponta para a relevância do Ultimate Frisbee como ferramenta pedagógica, mas destaca lacunas importantes na literatura acadêmica. A falta de exploração prática, a desigualdade na distribuição regional dos estudos e a ausência de recursos

pedagógicos como a ficha de jogo representam oportunidades para aprofundar as investigações sobre o tema.

A ficha de jogo, em particular, desponta como uma ferramenta promissora para promover reflexões críticas e mediar a prática esportiva no ambiente escolar. Sua aplicação pode não apenas facilitar a avaliação técnica e comportamental dos alunos, mas também contribuir para a formação de um ambiente educacional mais inclusivo e ético. Assim, pesquisas futuras devem priorizar essas lacunas, potencializando o impacto do Ultimate Frisbee na Educação Física Escolar e em práticas pedagógicas voltadas à formação cidadã.

3 TRAJETÓRIA METODOLÓGICA

3.1 Caracterização da pesquisa

Situado na cidade de Sobral, localizada na região Norte do Ceará, a aproximadamente 235 quilômetros de Fortaleza, destaca-se como um importante centro de crescimento e desenvolvimento econômico do interior do estado. Com uma área de 2.129 quilômetros quadrados e uma população estimada em 210.711 habitantes (IBGE, 2020), Sobral possui uma estrutura avançada em diversos setores, com destaque especial para a educação, segmento no qual o município alcança constantemente índices elevados e serve de modelo nacional.

De acordo com informações da Secretaria Municipal de Educação de Sobral, a rede educacional do município é composta por 87 unidades de ensino, abrangendo desde a educação infantil até o Ensino de Jovens e Adultos (EJA). Essas unidades distribuem-se da seguinte forma:

- Educação Infantil: Atendendo desde o berçário até a pré-escola.
- Ensino Fundamental I: Do 1º ao 5º ano.
- Ensino Fundamental II: Do 6º ao 9º ano.
- Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Entre essas, apenas 20 escolas de Ensino Fundamental II oferecem aulas de Educação Física. Esse dado destaca uma lacuna no acesso a práticas esportivas sistematizadas, o que pode impactar diretamente no desenvolvimento integral dos estudantes.

No ano de 2023, a rede pública municipal de Sobral registrou um total de 33.248 estudantes matriculados, distribuídos entre os diferentes níveis de ensino oferecidos. Esses números refletem a amplitude da rede educacional e reforçam o papel estratégico do município na garantia do direito à educação de qualidade.

Apesar dos avanços, a oferta limitada de aulas de Educação Física nas escolas municipais do Ensino Fundamental II apresenta um desafio significativo. A prática de atividades físicas e esportivas contribui para o desenvolvimento integral dos alunos, envolvendo aspectos físicos, sociais, emocionais e éticos. Expandir e qualificar o acesso a essas atividades é essencial para potencializar ainda mais os resultados educacionais de Sobral, reconhecida como referência no setor.

Portanto, a ampliação das oportunidades no campo da Educação Física não apenas fortaleceria a formação integral dos estudantes, mas também consolidaria Sobral como um modelo ainda mais robusto de inovação e excelência em políticas públicas educacionais.

Sobral, no Ceará, é amplamente reconhecida como uma vitrine do sucesso educacional brasileiro, frequentemente destacada pelo desempenho excepcional em indicadores como o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB). Em 2024, o município reafirmou sua liderança nacional ao alcançar uma média de 9,1 no IDEB para os anos iniciais do Ensino Fundamental, consolidando seu status como referência em políticas públicas educacionais.

O modelo educacional de Sobral é caracterizado pela interação de diversos fatores-chave, como a autonomia na gestão escolar, que permite maior liberdade para decisões adaptadas às realidades específicas, e o fim das nomeações políticas para a seleção de gestores, promovendo maior profissionalismo e meritocracia. Além disso, o município se destaca pela formação contínua de professores, garantindo capacitação regular, pela avaliação constante dos estudantes, monitorando seu desenvolvimento acadêmico, e pelas políticas redistributivas de recursos, que reduzem desigualdades educacionais.

Essas práticas, embora não exclusivas de Sobral, refletem iniciativas adotadas em várias cidades do Ceará, contribuindo para elevar o IDEB estadual. Mesmo com recursos limitados em comparação a estados mais ricos, o Ceará demonstra uma eficiência administrativa que atrai a atenção de políticos e especialistas em nível nacional. O modelo de Sobral tem servido de inspiração para políticas educacionais em âmbito federal, reforçando a ideia de que investimentos bem planejados podem superar desafios socioeconômicos.

Um exemplo local desse modelo eficiente é a Escola Paulo Aragão de Ensino Fundamental, localizada na Rua Caetano Figueiredo, nº 100, no bairro Cohab, Sobral – CE. Fundada em 1988, a escola possui 36 anos de história e atende estudantes do Ensino Fundamental II e da Educação de Jovens e Adultos (EJA). A proposta pedagógica da escola segue rigorosamente as normas estabelecidas por legislações e diretrizes nacionais, como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB 9.394/96), a Constituição Brasileira, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e a Resolução 430/99, conforme regulamentação da Secretaria de Educação de Sobral.

Esses princípios norteiam a ação educacional da escola, garantindo que conteúdos básicos sejam trabalhados de forma integrada e que as avaliações estejam alinhadas às diretrizes pedagógicas oficiais. Assim, a Escola Paulo Aragão se destaca como um exemplo de aplicação

prática do modelo educacional de Sobral, demonstrando como o município consegue traduzir sua proposta de excelência em diferentes contextos escolares.

Sobral é um exemplo de que políticas educacionais bem estruturadas podem transformar o cenário de aprendizagem, superando adversidades econômicas e sociais. A experiência do município, representada por instituições como a Escola Paulo Aragão, não apenas evidencia a eficácia do modelo, mas também serve de inspiração nacional para outras redes educacionais que buscam equidade e qualidade no ensino.

3.2 Abordagem metodológica

O trabalho metodológico adotado neste estudo é de natureza qualitativa. De acordo com Rodrigues, Oliveira e Santos (2021), toda pesquisa qualitativa emerge de um problema específico, a partir do qual é essencial definir os objetivos a serem alcançados e determinar os instrumentos e fontes necessários para a coleta de dados. Essa abordagem busca garantir a profundidade e a relevância das informações obtidas. Para Oliveira (2021), a pesquisa qualitativa é pautada na obtenção de dados que descrevem e investigam de forma crítica as fontes, realizando um estudo dos mais diversos ambientes e explorando a complexidade de um determinado fenômeno. O objetivo é decodificar e traduzir o sentido dos fatos e acontecimentos. Assim, a pesquisa qualitativa procede a partir de uma investigação concreta das fontes e de uma situação-problema que pode ser tanto social quanto histórica.

Nesse contexto, a proposta de pesquisa será desenvolvida por meio de aulas com a temática do Ultimate Frisbee (UF) nas turmas do 7º ano A e 7º ano B da Escola Paulo Aragão. A intervenção tem como objetivo contribuir para a construção de um ambiente mais inclusivo e equânime nas aulas de Educação Física. Para isso, na turma do 7º ano B será utilizada a ficha de Espírito de Jogo como instrumento pedagógico e avaliativo, enquanto na turma do 7º ano A as aulas ocorrerão sem a aplicação dessa ferramenta, possibilitando a comparação entre os resultados obtidos em cada grupo.

Partindo do pressuposto de que a desigualdade de gênero é um fenômeno recorrente nas aulas de Educação Física, buscamos abordar os princípios que regem o afastamento e o tratamento diferenciados entre alunos e alunas nesse ambiente. Por meio dessa investigação, pretendemos identificar os fatores que contribuem para a baixa participação das meninas e a exclusão que frequentemente ocorre quando meninos criam estereótipos que as eliminam de determinadas modalidades esportivas.

A partir dessa análise, propomos a utilização do UF como ferramenta pedagógica para sistematizar as interações corporais entre os alunos, oferecendo às meninas maior oportunidade de participação efetiva e promovendo entre os meninos uma compreensão mais ampla sobre as práticas esportivas, que devem transcender os limites impostos pelo gênero. Essa abordagem visa contribuir para a construção de um ambiente mais inclusivo e igualitário nas aulas de Educação Física.

3.3 Cenário da pesquisa

A escolha da Escola Paulo Aragão, localizada em Sobral, para trabalhar a desigualdade de gênero por meio do Ultimate Frisbee reflete uma estratégia fundamentada para enfrentar desafios específicos do contexto local. Nas turmas do 7º ano, observa-se uma dinâmica em que os meninos demonstram resistência em integrar as meninas nas atividades esportivas, priorizando o futsal, esporte comumente associado ao masculino. Essa exclusão das meninas nas práticas esportivas evidencia um ambiente propício para discutir e transformar concepções de gênero e promover igualdade.

O Ultimate Frisbee surge como uma abordagem pedagógica ideal para tratar essas questões, diferenciando-se das modalidades tradicionais em dois aspectos centrais: o caráter misto da prática, que incentiva a cooperação e a inclusão, e o espírito do jogo, que valoriza o respeito e a autogestão, desestimulando atitudes competitivas que desvalorizem a participação feminina. Mais do que desenvolver habilidades físicas, o Ultimate Frisbee requer dos alunos uma postura de respeito mútuo, comunicação e colaboração, possibilitando a desconstrução de estereótipos de gênero.

A escolha dessa escola e dessa faixa etária é estratégica, pois permite um trabalho formativo em um momento em que os alunos ainda estão moldando suas percepções sociais e valores. Promover a inclusão das meninas em um espaço inicialmente restrito por influências culturais favorece a construção de uma convivência igualitária, preparando os alunos para uma sociedade que valoriza a diversidade e a equidade. Essa prática, além de desafiar preconceitos, transforma o ambiente escolar em um espaço de educação integral, onde o esporte atua como um instrumento para questionar e superar desigualdades.

O recorte temporal da pesquisa inicia-se em 2024, ano das primeiras intervenções pedagógicas realizadas na Escola Paulo Aragão, com foco no uso do Ultimate Frisbee para abordar a desigualdade de gênero nas práticas esportivas. Nesse período inicial, foram

introduzidas a modalidade esportiva e a observação das dinâmicas de interação entre meninos e meninas nas turmas do 7º ano, destacando a resistência em incluir as meninas e a preferência dos alunos pelo futsal.

Ao longo de 2024, a pesquisa busca documentar as respostas iniciais, os desafios encontrados e as adaptações pedagógicas necessárias para implementar uma prática esportiva que estimule a cooperação entre os gêneros. O cronograma prevê uma fase de observação e coleta de dados qualitativos e quantitativos, estendendo-se até o final de 2025. Durante esse período, ajustes metodológicos serão realizados com base no feedback dos alunos e na evolução das práticas inclusivas. A pesquisa culminará na consolidação de um modelo de ficha de jogo totalmente adaptado à realidade local, com potencial para ser replicado em outras regiões do Brasil e do mundo, promovendo uma abordagem esportiva transformadora e inclusiva.

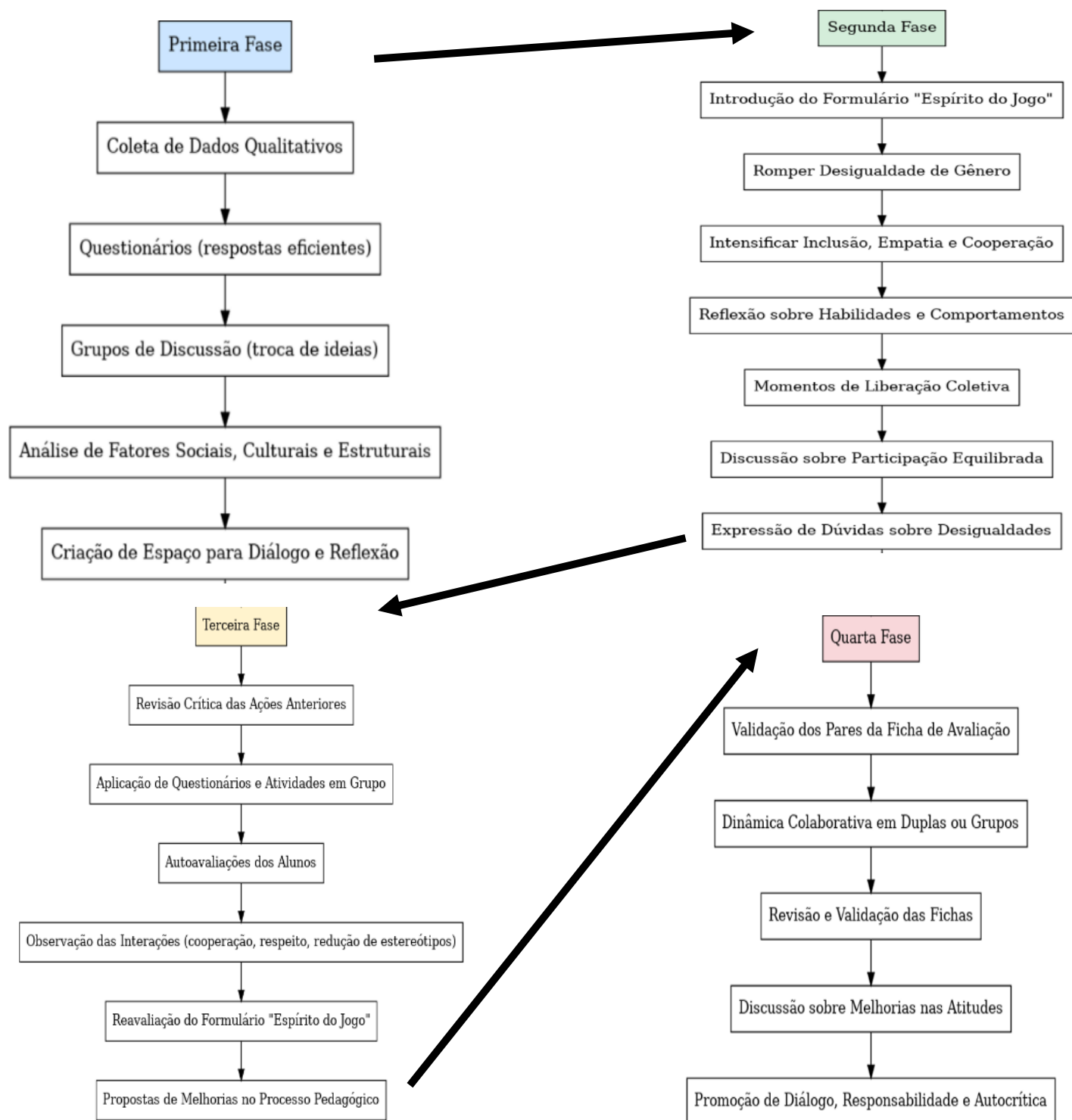
3.4 Colaboradores da pesquisa

A pesquisa contará com a participação de estudantes matriculados nas turmas do 7º Ano A e 7º Ano B, no período vespertino, totalizando 68 alunos regularmente matriculados. Deste grupo, 39 estudantes se identificam com o gênero feminino e 29 com o gênero masculino, com idades entre 12 e 13 anos. Para o desenvolvimento do estudo, será adotada uma estratégia comparativa entre as turmas: uma delas vivenciará a prática do Ultimate Frisbee, enquanto a outra não terá contato com esse conteúdo. Essa abordagem permitirá observar e analisar possíveis mudanças na forma como os estudantes se relacionam em termos de gênero, considerando as interações nas práticas esportivas e no ambiente escolar. A comparação buscará identificar impactos do Ultimate Frisbee na desconstrução de estereótipos e na promoção de relações mais equitativas entre meninos e meninas.

Etapas da pesquisa

A pesquisa será estruturada em quatro fases distintas, cada uma com objetivos específicos para promover a reflexão e a transformação das relações de gênero nas aulas de Educação Física, utilizando o Ultimate Frisbee como ferramenta pedagógica.

Figura 3 - Fluxograma das etapas da pesquisa



Fonte: Autor próprio (2025)

3.5 Análise de dados

A pesquisa será conduzida utilizando uma análise de conteúdo do tipo temática, uma abordagem qualitativa amplamente aplicada para identificar padrões e significados em dados textuais. Como defendem Braun e Clarke (2006), a análise temática é um método eficaz para identificar, analisar e relatar padrões (ou temas) dentro dos dados, proporcionando ao pesquisador uma forma de organizar e descrever as informações de maneira detalhada, além de interpretar aspectos do fenômeno estudado.

Essa metodologia é especialmente valorizada por sua flexibilidade, permitindo que seja adaptada a diversas abordagens teóricas. Minayo (2012) destaca que a análise qualitativa não segue receitas rígidas, e, nesse sentido, a análise temática se distingue por ser uma das mais versáteis, pois permite trabalhar com significados em diferentes níveis, desde os aspectos mais descritivos até os mais interpretativos.

Para assegurar a profundidade e a validade da análise, a pesquisa combinará diferentes técnicas de coleta de dados em cada fase do estudo. Entre as técnicas utilizadas, destacam-se:

Entrevistas semiestruturadas, que buscarão captar relatos detalhados dos participantes e explorar suas percepções e experiências.

Observação participante, com o objetivo de registrar interações e comportamentos no ambiente natural da turma, proporcionando uma visão mais rica do contexto de ensino.

Documentação de campo, que incluirá registros escritos e fotográficos complementares, enriquecendo os dados coletados.

Análise de documentos, que envolverá a revisão de fichas de jogo e materiais pedagógicos utilizados nas aulas, possibilitando um exame mais aprofundado do conteúdo e das práticas pedagógicas.

- As categorias de análise que serão exploradas incluem:

Participação e Inclusão: Examinará as interações entre meninos e meninas nas atividades esportivas, identificando barreiras e facilitadores para a inclusão das meninas nas práticas esportivas. **Percepções de Gênero:** Analisará as representações de masculinidade e feminilidade no contexto esportivo, além do impacto das práticas pedagógicas na desconstrução de estereótipos de gênero.

Valores do Ultimate Frisbee: Focará na apropriação de princípios do esporte, como o espírito de jogo, respeito e cooperação, e como esses valores influenciam as dinâmicas de gênero nas aulas.

Efeitos do Uso da Ficha de Jogo: Avaliará a contribuição da ficha de jogo como uma ferramenta pedagógica para promover a igualdade de gênero, identificando desafios e resultados observados em sua implementação.

Essas categorias guiarão a análise, permitindo uma abordagem detalhada e interpretativa do fenômeno estudado, com ênfase nas dinâmicas de gênero e no impacto das metodologias pedagógicas utilizadas nas aulas de Educação Física.

3.6 Aspectos éticos

Este estudo seguiu as orientações e determinações fixadas nas Resoluções no. 510, de 07 de abril de 2016, pelo CNS, respeitando o disposto na Lei nº 14.874/2024, e foi submetido ao Comitê de Ética do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará, sendo aprovado com parecer de número 7.613.068 e Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE): 92393225.6.0000.5589.

4 CRONOGRAMA

Tabela 3 - Cronograma

FASE	PERÍODO	
	Início	Término
Construção do projeto de pesquisa	23/07/2025	10/11/2025
Qualificação	23/07/2025	31/07/2025
Submissão ao comitê de ética	23/07/2025	10/08/2025
Coleta de dados	21/11/2025	10/12/2025
Análise dos dados	11/12/2025	29/12/2025
Escrita da dissertação	23/07/2025	10/01/2026
Produto educacional	23/07/2025	16/01/2026
Relatório de retorno a instituição de pesquisa e ao CEP	16/01/2026	10/02/2026

Fonte: Elaborada pelo autor (2025).

5 RESULTADOS

Esta seção apresenta os resultados e principais achados obtidos a partir da implementação da intervenção pedagógica com o Ultimate Frisbee, focada na promoção da equidade de gênero nas aulas de Educação Física. Os dados foram mapeados por meio da observação dos/das participantes e da implementação de um instrumento avaliativo (ficha de espírito de jogo adaptada), revelando transformações significativas nas dinâmicas de interação entre meninos e meninas do 7º Ano da Escola Paulo Aragão de Ensino Fundamental, em Sobral-CE.

5.1 Cenário inicial

No período que antecedeu a intervenção, foi observado um certo padrão consistente e sistemático de exclusão das meninas em grande parte das atividades propostas durante as aulas de Educação Física. Conforme relatado nas observações iniciais, as alunas sentiam-se profundamente incomodadas e marginalizadas, uma vez que os alunos do sexo masculino dominavam não apenas a escolha e a organização das práticas, especialmente os jogos esportivos, mas também o próprio espaço físico da quadra.

A dinâmica da aula consistia na formação de equipes exclusivamente masculinas, sob a justificativa de que as meninas "não sabiam jogar" e que o lugar delas é "na arquibancada". Essa atitude intercedia não apenas na exclusão física das alunas das atividades principais, mas também em sua autoexclusão como forma de proteção contra o constrangimento público e a desvalorização de suas habilidades.

O espaço da aula era, portanto, demarcado por uma evidente divisão de gênero, onde os meninos ocupavam o centro da quadra e das atenções, enquanto as meninas eram relegadas às margens, muitas vezes confinadas à arquibancada, poucas meninas chegavam a questionar sobre tais atitudes dos meninos, pois já estava internalizado um ciclo vicioso de silenciamento e baixa participação que se perpetuava ao longo dos anos escolares.

Este cenário inicial evidenciava não apenas uma questão de desigualdade na participação, mas uma aparente estrutura de poder que negava e ou limitava bastante às meninas o direito de experimentar plenamente as práticas corporais oferecidas pela Educação Física escolar, que em muitas vezes já tinha um tom só "hoje é futsal" "eu tiro o time", e a delegação de funções para os menos habilidosos, "fulano vai pro gol", e quando questionados sobre a participação das meninas, a voz era uma só, "não sabem jogar", "só sabem torcer", e que em

pouquíssimas vezes uma ou outra menina respondia, “eu sei mais que você”, “vocês não deixam a gente jogar”. A ausência de mecanismos que garantissem a voz e a participação efetiva das alunas contribuía para a naturalização dessa exclusão, tornando-a parte da cultura escolar.

Vivenciar cotidianamente esse cenário, na condição de professor de Educação Física, provocava em mim um profundo desconforto ético e pedagógico. Havia um sentimento constante de indignação silenciosa ao perceber que a quadra, espaço que deveria ser de formação, pertencimento e aprendizagem coletiva, se transformava em um território de exclusão e hierarquização de corpos. A cada aula em que as meninas permaneciam à margem, física e simbolicamente, eu me sentia atravessado por uma sensação de falha profissional, e isso alimentava cruelmente um desinvestimento pedagógico ensurdecedor, como se o silêncio imposto a elas também ecoasse como um limite da minha própria prática. A naturalização das falas, dos gestos e das ocupações do espaço revelava o quanto as desigualdades de gênero estavam enraizadas não apenas nos alunos, mas na cultura escolar como um todo, produzindo em mim, angústia, inquietação e a urgente necessidade de repensar o meu fazer docente.

Antes da consolidação desta pesquisa, minhas tentativas de intervenção surgiam, em grande parte, como respostas imediatas ao incômodo que essas situações me causavam. Eu buscava reorganizar equipes, impor regras que garantissem a participação das meninas e promover diálogos pontuais sobre respeito e igualdade, acreditando que pequenas mudanças operacionais poderiam gerar transformações significativas, principalmente no contexto da avaliação pós aula, que fosse de forma dialogada e reflexiva sobre as atitudes que cada um tinha dentro de cada aula.

No entanto, com o tempo, tornou-se evidente que tais ações, isoladas e desarticuladas de uma reflexão mais profunda, apenas tocavam a superfície do problema. A exclusão persistia, muitas vezes assumindo novas formas, mais sutis e igualmente violentas, o que me levou a compreender que não bastava intervir no jogo, mas era necessário intervir na lógica que sustentava aquelas práticas. Esse reconhecimento marcou o início de um movimento de ruptura, no qual a pesquisa passou a se apresentar não apenas como exigência acadêmica, mas como um gesto político e pedagógico de enfrentamento às desigualdades de gênero na Educação Física escolar e em cada disciplina vivenciada no PROEF as inquietações surgiam cada vez mais fortes, mostrando que era possível haver essa mudança.

Portanto, a constatação desse cenário, aliada às inquietações que se intensificavam a cada disciplina vivenciada no âmbito do PROEF, evidenciou que a exclusão das meninas nas

aulas de Educação Física não se tratava de episódios isolados ou de meros conflitos interpessoais, mas de uma lógica pedagógica e cultural profundamente enraizada, que exigia enfrentamento intencional e sistematizado. A compreensão de que intervenções pontuais eram insuficientes reforçou a necessidade de uma ação pedagógica planejada, crítica e comprometida com a transformação das relações de gênero no espaço escolar. Nesse sentido, tornou-se imprescindível a elaboração de uma proposta de intervenção que rompesse com a naturalização dessas desigualdades, que garantisse voz, participação e reconhecimento às alunas e possibilitasse a ressignificação das práticas corporais como espaços de justiça, diálogo e equidade, pontos que serão identificados na próxima seção de resultados.

5.2 A intervenção com o Ultimate Frisbee e a ficha de espírito de jogo adaptada

A introdução do Ultimate Frisbee como conteúdo das aulas de Educação Física constituiu-se como um momento de ruptura com o repertório esportivo habitual dos estudantes. A modalidade foi apresentada de forma gradual e pedagógica, abordando-se, passo a passo, sua origem histórica, os princípios que a fundamentam e suas principais características. Desde o início, chamou a atenção da turma o fato de o esporte não utilizar uma bola, mas um disco, elemento que despertou curiosidade e estranhamento inicial, seguido de interesse e engajamento.

À medida que as regras eram explicadas, como a ausência de contato físico na maioria dos lances, a obrigatoriedade do passe, a impossibilidade de deslocamento com o disco nas mãos e a lógica da autoarbitragem, os alunos demonstravam surpresa ao perceber que se tratava de uma prática esportiva estruturada para favorecer a cooperação, o diálogo e a participação coletiva. A possibilidade de jogos mistos, em condições de igualdade entre meninos e meninas, foi recebida com espanto por muitos estudantes, evidenciando o quanto esse formato ainda é pouco vivenciado no contexto escolar.

Esse momento inicial foi marcado por questionamentos e comentários espontâneos dos alunos, como: *“Professor, então não tem juiz mesmo?”* ou *“Mas se ninguém apitar, como é que resolve a falta?”*, o que abriu espaço para discutir o “Espírito de Jogo” como princípio ético central da modalidade. A apresentação desse conceito revelou-se estratégica para deslocar o foco do rendimento técnico para as relações estabelecidas em quadra. Nesse sentido, o Ultimate Frisbee passou a ser compreendido não apenas como um novo esporte, mas como uma proposta

pedagógica capaz de tensionar práticas naturalizadas de exclusão, especialmente aquelas relacionadas às relações de gênero.

Um elemento central e inovador da intervenção pedagógica foi a apresentação inicial aos estudantes de uma ficha de avaliação do “Espírito de Jogo” do Ultimate Frisbee. A partir desse primeiro contato, o instrumento foi coletivamente reelaborado com a participação ativa da turma, incorporando expressões e gírias do cotidiano cearense, de modo a torná-lo mais próximo da realidade dos alunos e favorecer sua identificação no processo avaliativo. Essa construção colaborativa configurou-se como um produto educacional, no qual os estudantes assumiram papel protagonista, compreendendo os critérios avaliados e atribuindo sentido às práticas desenvolvidas em aula.

A ficha passou a ser utilizada ao final de cada partida como um recurso para avaliar não apenas o desempenho esportivo, mas, sobretudo, os comportamentos adotados durante o jogo, possibilitando identificar se as relações de gênero foram mantidas de forma respeitosa e inclusiva. Por meio da avaliação de aspectos como comunicação, respeito às regras, fair play, o prazer em jogar, o incentivo à participação de meninas e meninos e controle de atitudes discriminatórias, o instrumento funcionou como um dispositivo pedagógico de mediação do diálogo e de reflexão crítica sobre as interações em quadra, dando visibilidade às dinâmicas de inclusão e exclusão presentes nas vivências esportivas, trazendo assim todos os alunos para um diálogo justo, onde todos tiveram vez e voz.

A vivência construída no interior das aulas revelou que o esporte, quando mediado por intencionalidade pedagógica crítica, torna-se um espaço potente de produção de sentidos, afetos e consciência. Martins (2024), defende que práticas esportivas escolares fundamentadas no diálogo e na amorosidade freireana possibilitam a emergência de sujeitos que se reconhecem, se escutam e se transformam coletivamente. Nesse sentido, o que se produziu não foi apenas aprendizagem motora ou domínio técnico, mas um movimento de ressignificação das relações, no qual o corpo passa a ser compreendido como espaço político, sensível e histórico.

Um momento particularmente significativo da intervenção foi a apresentação da ficha de avaliação do “Espírito de Jogo”. Ao ser convidada a analisar comportamentos como respeito, comunicação, incentivo à participação das meninas e controle de atitudes agressivas, a turma demonstrou surpresa diante da possibilidade de se autoavaliar. Um dos alunos verbalizou esse impacto ao afirmar: *“Professor, eu nunca tinha parado pra pensar que eu gritava tanto e ficava bravo assim... quando fui marcar aqui na ficha, vi que eu não jogava tão de boa quanto*

achava”. Essa fala evidencia o caráter reflexivo do instrumento, que possibilitou aos estudantes reconhecerem práticas violentas e excludentes que, até então, eram naturalizadas no jogo.

Ao dialogar com a perspectiva freireana, a experiência analisada confirma que não há neutralidade na prática pedagógica esportiva. Martins (2024), destaca que o esporte escolar, quando tratado de forma dialógica, pode assumir um caráter de resistência frente aos modelos hegemônicos de rendimento e exclusão, tornando-se um espaço de formação crítica, afetiva e emancipadora. Assim, o processo vivido reafirma que educar pelo esporte exige coragem política, sensibilidade humana e compromisso ético com a transformação social, dimensões indissociáveis de uma Educação Física escolar crítica

Nesse mesmo movimento de ressignificação das práticas esportivas e das relações construídas em aula, e já apontando para a organização metodológica da intervenção, a percepção das alunas revelou a potência emancipatória da proposta. Uma estudante destacou: *“Achei sensacional isso da ficha, porque a gente nunca teve como avaliar o jogo. Antes, só eles jogavam e decidiam tudo. Agora dá pra mostrar quando não respeitam a gente”*. Essa fala expressa o ineditismo da experiência para as meninas, que passaram a ocupar um lugar ativo no processo avaliativo e no debate sobre as relações construídas durante as partidas.

A construção coletiva da ficha, incorporando expressões e gírias do cotidiano cearense, fortaleceu ainda mais esse processo, pois aproximou o instrumento da realidade dos alunos e conferiu sentido às avaliações realizadas. Esse conjunto de percepções, diálogos e práticas vivenciadas em aula constituiu a base para a organização dos encontros da intervenção, descritos a seguir, nos quais a ficha de avaliação e o Ultimate Frisbee foram articulados de maneira progressiva, intencional e reflexiva. Assim, a ficha deixou de ser apenas um mecanismo de mensuração para se consolidar como um dispositivo pedagógico de diálogo, visibilização das desigualdades e promoção de relações mais justas, garantindo que todos os estudantes, homens e mulheres, tivessem vez, voz e reconhecimento no espaço da quadra.

5.3 Caminhos da Intervenção: Organização dos Encontros

A intervenção pedagógica foi desenvolvida ao longo de quatro encontros, realizados com turmas do 7º ano da Escola Paulo Aragão de Ensino Fundamental, em Sobral-CE. Os encontros foram planejados de forma sequencial e articulada, respeitando o ritmo de aprendizagem dos estudantes e assumindo como eixo central a promoção da equidade de gênero nas aulas de Educação Física por meio da vivência do Ultimate Frisbee e da utilização de uma

ficha de avaliação do “Espírito de Jogo” adaptada ao contexto escolar e cultural dos alunos. Cada encontro possuía objetivos específicos, estratégias pedagógicas intencionalmente delineadas e momentos de reflexão coletiva, compreendidos como parte constitutiva do processo formativo.

5.3.1 Primeiro encontro: Apresentação da modalidade e problematização das relações de gênero

As aulas eram realizadas de maneira teórica e prática, utilizando esse segmento para que fosse possível uma compreensão mais objetiva da modalidade. O primeiro encontro teve como objetivo principal introduzir o Ultimate Frisbee como conteúdo das aulas de Educação Física e, simultaneamente, provocar uma ruptura inicial com as práticas esportivas tradicionais vivenciadas pelos estudantes.

A aula iniciou-se com uma conversa dialogada sobre esportes mais conhecidos pelos alunos, momento em que emergiram falas que evidenciavam a centralidade do futsal, handebol e basquete, e a naturalização da exclusão das meninas dessas práticas, quando questionados se eles sabiam praticar algumas dessas modalidades foi unânime a maioria das respostas, “*Professor, futsal eu me garanto*”, “*Eu sei jogar tudo*”, todas elas pelos homens, e a inquietude e o silêncio das mulheres foi algo chocante dentro de mim, pois aflorou ainda mais a urgência em intervir na vida de todos/todas ali presentes, visto que as meninas pouco disseram alguma modalidade já praticada nas aulas de educação física. Esse diálogo inicial foi fundamental para que eu pudesse identificar percepções, crenças e estereótipos relacionados ao gênero no contexto esportivo escolar.

Em seguida, através de vídeos, imagens e leitura, foi apresentada a história do Ultimate Frisbee, destacando sua origem, princípios éticos e características singulares com outros esportes, particularidades como a ausência de árbitro, a autoarbitragem e o “Espírito de Jogo” como fundamento central da modalidade. Segundo Amoroso (2021) Isso pode apoiar a Educação Física, promovendo habilidades socioemocionais durante o desenvolvimento de comportamentos saudáveis e fisicamente ativos, bem como habilidades motoras relacionadas ao jogo. Isso pode facilitar o estabelecimento de uma cultura única, sustentada pelos alunos.

O fato de o esporte utilizar um disco, e não uma bola, despertou curiosidade, pois muitos disseram as seguintes frases, “*Esse disco é o mesmo que jogam pro cachorro?*” quebrando um pouco clima e fazendo com que gerassem várias curiosidades, tivemos um estranhamento inicial

e um turbilhão de pensamentos a respeito do Ultimate Frisbee. Funcionando como elemento pedagógico de deslocamento do repertório corporal habitual dos estudantes, já que nesse momento todos estavam partindo do início, e não tínhamos aqueles “Excelentes atletas” como mencionado por eles em outras modalidades.

Nesse momento, muitos alunos demonstraram surpresa ao perceber que se tratava de um esporte estruturado para favorecer a cooperação, o diálogo e a participação coletiva, sobretudo em jogos mistos, um ponto que gerou bastante discussão, pois os homens já foram questionando logo, *“Vou ter que jogar com uma mulher?”*, *“Tio, eles não deixam a gente jogar, a gente nem sabe”*.

A aula seguiu com atividades introdutórias de manipulação do disco, passes simples e deslocamentos em pequenos grupos, sem caráter competitivo, já que a gente só tinha um disco. A escolha por exercícios cooperativos buscou minimizar tensões iniciais e criar um ambiente mais seguro para a participação das meninas, que historicamente se encontravam à margem das práticas esportivas.

Ao final do encontro, realizou-se uma roda de conversa para que os estudantes pudessem relatar sensações, dificuldades e percepções iniciais sobre a modalidade, já introduzindo questionamentos sobre participação, respeito e igualdade nas interações em quadra, foi nesse momento que surgiu uma chuva de falas, tanto dos meninos, quanto das meninas, quando perguntado a eles sobre o que eles tinham aprendido naquele dia, a resposta era em um único som “Um esporte novo”, “Nossa quadra tem que ser adaptada pra gente jogar”, surgiram até sugestões para irmos até a areninha praticar.

Outro questionamento que foi colocado em pauta, era a questão de termos apenas um disco, foi nesse momento que foi delegado uma tarefa para casa, todos deveriam trazer para a próxima aula uma série de materiais, papelão, cartolinas, tesouras, cola, outro aspecto que gerou muito interesse dos alunos, construir seu próprio disco, personalizar da forma que ele achasse melhor.

5.3.2 Segundo encontro: Construção e personalização dos discos como estratégia de pertencimento e engajamento

O segundo encontro foi planejado com o objetivo de aprofundar o vínculo dos estudantes com a modalidade, promovendo um envolvimento afetivo, cultural e simbólico com o Ultimate Frisbee por meio da construção artesanal e da personalização dos próprios discos.

Diferentemente de uma aula centrada exclusivamente na prática corporal, este encontro assumiu um caráter híbrido, articulando atividades manuais, expressivas e reflexivas, ampliando as possibilidades pedagógicas da Educação Física escolar.

Inicialmente, o professor apresentou aos estudantes a proposta de construção dos discos utilizando materiais alternativos e acessíveis, reforçando a ideia de que o esporte não está restrito a equipamentos oficiais ou caros, mas pode ser apropriado e ressignificado a partir da realidade dos alunos. A atividade foi recebida com entusiasmo, despertando curiosidade e participação ativa de homens e mulheres, uma vez que todos se encontravam em condição de igualdade diante da tarefa proposta.

Durante o processo de construção, os estudantes foram incentivados a personalizar seus discos livremente, utilizando desenhos, nomes próprios, símbolos, frases, trechos de letras de músicas, referências à família, ao bairro e a elementos de sua identidade cultural. Esse momento revelou-se extremamente potente do ponto de vista pedagógico, pois o disco deixou de ser apenas um material esportivo para se tornar um objeto carregado de sentido, memória e pertencimento. Observou-se que muitas meninas, que anteriormente se mostravam retraídas nas aulas práticas, demonstraram maior envolvimento e protagonismo nesse momento, sentindo-se mais à vontade para expressar suas identidades.

A personalização dos discos funcionou também como uma estratégia de quebra simbólica das hierarquias de gênero presentes nas práticas esportivas tradicionais. Ao criar seu próprio material, os estudantes se colocaram como sujeitos ativos do processo, diminuindo a lógica de comparação baseada em habilidades prévias e fortalecendo uma experiência mais inclusiva e democrática. Ao final do encontro, os discos construídos foram apresentados pelos alunos, que compartilharam os significados de suas criações, ampliando o diálogo e o reconhecimento mútuo entre a turma.

5.3.3 Terceiro encontro: Vivência do jogo e apresentação da ficha de Espírito de Jogo

No terceiro encontro, o foco deslocou-se para a vivência mais estruturada do Ultimate Frisbee, agora utilizando os discos confeccionados e personalizados pelos próprios estudantes. A aula iniciou-se com atividades de aquecimento e passes em duplas e pequenos grupos, favorecendo a adaptação ao material produzido e reforçando a importância da cooperação e da comunicação durante o jogo.

Em seguida, foram organizados jogos reduzidos em equipes mistas, respeitando os princípios da modalidade e garantindo a participação de todos os estudantes. A utilização dos discos personalizados contribuiu para um ambiente mais afetivo e menos competitivo, uma vez que os alunos demonstravam cuidado e respeito pelo material produzido coletivamente. Esse aspecto favoreceu uma participação mais equilibrada entre meninos e meninas, reduzindo comportamentos de dominação previamente observados em esportes tradicionais.

Após as primeiras partidas, foi apresentada formalmente aos estudantes a ficha de avaliação do “Espírito de Jogo”, explicando-se seus critérios e objetivos. O instrumento destacou aspectos como respeito às regras, comunicação, incentivo à participação das meninas, controle emocional e cooperação entre os integrantes das equipes. A proposta de avaliar atitudes e comportamentos durante o jogo gerou surpresa e questionamentos, pois muitos alunos relataram nunca ter sido avaliados para além do desempenho técnico.

Inspirada em estudos que utilizam o “Espírito de Jogo” como ferramenta pedagógica no Ultimate Frisbee (Oliveira et al., 2019; Devede et al., 2020), a ficha foi apresentada como um dispositivo formativo, destinado a promover reflexão e diálogo. Ao final das partidas, os estudantes preencheram a ficha coletivamente e participaram de uma roda de conversa mediada pelo professor, na qual começaram a emergir reflexões sobre atitudes excludentes e comportamentos naturalizados, especialmente no que se refere às relações de gênero.

5.3.4 Quarto encontro: Construção coletiva da ficha, consolidação das aprendizagens e reflexão crítica

O quarto encontro foi dedicado à reelaboração coletiva da ficha de Espírito de Jogo, configurando-se como o momento de maior protagonismo discente da intervenção. A partir da versão inicial apresentada no encontro anterior, os estudantes foram convidados a sugerir adaptações, incluir novos critérios e modificar a linguagem utilizada, incorporando expressões e gírias do cotidiano cearense, de modo a tornar o instrumento mais próximo de sua realidade.

Destaca-se que as meninas tiveram participação ativa e expressiva nesse processo, sugerindo termos e critérios que explicitavam situações de desrespeito vivenciadas ao longo de sua trajetória escolar, como a ausência de passes, o silenciamento durante o jogo e a desvalorização de suas habilidades. A incorporação dessas contribuições conferiu legitimidade institucional às vozes femininas, transformando vivências individuais em critérios coletivos de avaliação.

Após a reelaboração da ficha, os estudantes participaram de novas partidas de Ultimate Frisbee, agora utilizando o instrumento adaptado ao final de cada jogo. Observou-se uma mudança significativa nas interações, com ampliação da comunicação entre meninos e meninas, maior cuidado nas atitudes e reconhecimento do papel das alunas nas equipes. Estudos que defendem o uso de instrumentos avaliativos construídos coletivamente apontam que esse tipo de prática potencializa processos de conscientização, empoderamento e transformação das relações de gênero na Educação Física escolar (Casey & MacPhail, 2018; Fletcher & Ní Chróinín, 2024).

O encontro foi finalizado com uma roda de conversa reflexiva, na qual os estudantes foram incentivados a comparar suas atitudes atuais com aquelas observadas no início da intervenção. Esse momento reafirmou a potência da ficha de Espírito de Jogo como ferramenta pedagógica de avaliação formativa, diálogo e conscientização, evidenciando que a transformação das relações de gênero é fruto de um processo pedagógico intencional, contínuo e comprometido com a escuta e o reconhecimento dos sujeitos.

5.4 Transformações observadas: Comunicação, Participação e Reflexão Crítica

A análise dos resultados apresentados nesta seção foi organizada a partir de três grandes eixos de transformação, os quais emergiram das respostas a um questionário aplicado aos estudantes antes do início da intervenção pedagógica. Esse instrumento teve como objetivo compreender as percepções dos alunos e das alunas acerca das aulas de Educação Física, das relações de gênero nos jogos esportivos e das dinâmicas de participação e comunicação vivenciadas no cotidiano escolar.

A leitura e sistematização dos dados do questionário evidenciaram recorrências discursivas relacionadas, sobretudo, às dificuldades de diálogo entre meninos e meninas, à exclusão feminina das práticas corporais e à naturalização de comportamentos masculinos dominantes durante os jogos. Essas recorrências orientaram tanto o planejamento da intervenção descrita na seção anterior quanto a organização analítica dos resultados, permitindo identificar dimensões centrais de transformação ao longo do processo pedagógico.

Dessa forma, os eixos (a) ampliação da comunicação e interação, (b) lugar de fala e protagonismo das mulheres e (c) estímulo à reflexão crítica dos homens, não foram definidos a priori, mas construídos a partir das vozes dos próprios estudantes, sendo posteriormente aprofundados e ressignificados por meio das vivências com o Ultimate Frisbee e da utilização

da ficha de avaliação do “Espírito de Jogo” adaptada. A seguir, cada um desses eixos é apresentado e discutido à luz das transformações observadas durante a intervenção.

5.4.1 Ampliação da comunicação e interação dos participantes

A prática do Ultimate Frisbee, mediada pela necessidade de cooperação para o bom andamento no jogo, promoveu uma comunicação significativamente maior entre meninos e meninas, sendo que no início, até eles entenderem a logística do jogo, existiu um pouco de resistência, pois tratava-se de algo novo, após algumas intervenções com jogos reduzidos, ficou entendido que o esporte utilizava a mesma sistemática dos esportes de invasão, a dinâmica melhorou e aos poucos tornou-se algo prazeroso.

Durante uma das primeiras partidas reduzidas, foi possível observar um momento emblemático dessa mudança na comunicação. Em uma jogada, uma aluna se posicionou livre para receber o disco e, ao não ser acionada, questionou em voz alta: *“Professor, se ninguém passar pra gente, como é que a gente vai jogar?”*. Após a intervenção pedagógica e a retomada da jogada, um colega passou a chamar os nomes dos companheiros para organizar a ação ofensiva e afirmou: *“Tem que tocar pra todo mundo, senão o jogo não anda”*. Essa cena evidenciou o deslocamento gradual de uma lógica individualizada para uma dinâmica coletiva, na qual a comunicação passou a ser compreendida como elemento central para o bom andamento do jogo.

A dinâmica da modalidade, que exige passes precisos, movimentação constante de todos os jogadores e estratégias coletivas, quebrou a barreira inicial imposta pelos meninos e incentivou a colaboração mútua, visto que diferente de outros esportes, nesse todos eram iniciantes e as habilidades ainda iriam se desenvolver, não tinha um específico para tirar a equipe, um para dizer quem iria jogar ou não. Observou-se que, diferentemente dos esportes tradicionais onde os meninos tendiam a monopolizar a bola, no Ultimate Frisbee a necessidade de envolver todos os membros da equipe para avançar no campo tornou a participação das meninas não apenas desejável, mas essencial.

Segundo Martins (2019), o Ultimate Frisbee pode ser considerado como uma prática corporal progressista por colocar e aceitar em suas regras que homens e mulheres possam jogar em competições profissionais sem nenhuma restrição. Quando essa condição adentra o ambiente escolar, o debate sobre gênero torna-se mais autêntico e adequado para o contexto das aulas de Educação Física, além de mais bem articulado com as novas demandas sociais

Após diversas práticas realizadas com a ficha de jogo, os resultados apontaram momentos em que meninos que anteriormente ignoravam as meninas passaram a chamá-las ativamente para receber passes, a discutir estratégias e a reconhecer publicamente suas contribuições para o sucesso da equipe e as meninas que por muitas vezes não entravam mais na quadra, sempre chegavam cedo e pediam para formar as equipes e um detalhe muito importante de ser analisado, depois que as meninas começaram a formar equipes, em nenhum momento elas menosprezavam ninguém, todos tinham a mesma importância.

Isso foi algo discutido com todos no momento da avaliação para que eles pudessem compreender os estigmas que são criados as vezes sem intenção, mas que acabam excluindo muita gente de um momento prazeroso. Esta mudança na qualidade das interações foi muito positiva, intensificando-se à medida que os estudantes internalizavam os princípios do espírito de jogo e percebiam os benefícios da colaboração com todos, sem distinção alguma.

As discussões realizadas no momento da avaliação, por meio da roda de conversa, dialogaram diretamente com os dados produzidos pelo questionário diagnóstico. Questões como a que investigava se os estudantes já haviam presenciado ou vivenciado situações de exclusão ou desvalorização das meninas nas aulas de Educação Física (questão 5) possibilitaram que o grupo reconhecesse práticas recorrentes que, muitas vezes, eram naturalizadas no cotidiano das aulas. Ao retomarem essas respostas coletivamente, os estudantes passaram a compreender que determinadas atitudes, mesmo quando não intencionais, contribuem para a criação e manutenção de estigmas de gênero que acabam afastando colegas de um momento que deveria ser prazeroso e inclusivo.

A roda de conversa ampliou essa reflexão ao permitir que os alunos verbalizassem situações concretas relacionadas à comunicação, à tomada de decisões e à participação das meninas durante os jogos. Esse processo foi reforçado pelas questões que abordavam o apoio dos meninos para a participação equitativa das meninas (questão 7) e o respeito durante as aulas (questão 4), evidenciando que a compreensão desses aspectos não se limitou ao preenchimento do questionário, mas se aprofundou no diálogo coletivo. Nesse espaço, os estudantes passaram a identificar comportamentos excludentes e a refletir sobre a necessidade de mudanças nas atitudes individuais e coletivas.

Como resultado, observou-se uma mudança progressiva na qualidade das interações entre os estudantes, intensificando-se à medida que os princípios do Espírito de Jogo eram internalizados. A percepção dos benefícios da colaboração, do diálogo e do respeito mútuo

contribuiu para relações mais justas e equilibradas, sem distinções de gênero, fortalecendo o caráter educativo do Ultimate Frisbee nas aulas de Educação Física. Esse movimento evidencia que a reflexão coletiva, mediada pelo questionário e pela roda de conversa, foi fundamental para promover interações mais inclusivas e conscientes. É a partir desse conjunto de experiências e sentidos produzidos que se torna possível compreender a organização dos encontros da intervenção, a qual será detalhada na seção seguinte.

Tabela 4 - Ampliação da comunicação e interação dos/as participantes nas aulas de Educação Física

Aspectos analisados	Situação inicial dos/as estudantes (antes da intervenção)	Situação após a intervenção (depois da intervenção)
Comunicação durante o jogo	Comunicação restrita, pouco frequente e predominantemente entre meninos. As meninas raramente eram chamadas para participar da aula, muito menos nas decisões das poucas que ainda participavam, havendo momentos de silêncio ou de decisões individuais.	Comunicação ampliada e intencional, com chamados verbais constantes entre todos os integrantes da equipe. Meninos passaram a chamar as meninas pelo nome e a organizar coletivamente as ações ofensivas.
Interação entre meninos e meninas	Interações marcadas por resistência inicial, desconfiança e reprodução de práticas excludentes naturalizadas em esportes tradicionais. As meninas, muitas vezes, permaneciam à margem do jogo.	Interações mais colaborativas e respeitosas, com reconhecimento mútuo das contribuições individuais. A participação das meninas tornou-se elemento central para o andamento do jogo.
Dinâmica coletiva do jogo	Predomínio de uma lógica individualizada, com tentativas isoladas de resolução das jogadas e dificuldade de compreensão da necessidade de cooperação.	Consolidação de uma dinâmica coletiva, na qual o passe, a movimentação constante e o envolvimento de todos passaram a ser compreendidos como essenciais para o sucesso da equipe.
Participação das meninas	Participação reduzida e, em alguns momentos, inexistente. Algumas alunas evitavam entrar em quadra, reflexo de experiências anteriores de exclusão e desvalorização.	Participação ativa e propositiva. As meninas passaram a chegar mais cedo, organizar equipes e ocupar espaços de liderança, sem reproduzir práticas de

		exclusão ou hierarquização entre colegas.
Postura dos meninos em relação às meninas	Comportamentos de invisibilização e pouca valorização das meninas durante o jogo, muitas vezes sem percepção crítica dessas atitudes.	Mudança gradual de postura, com valorização explícita das meninas, incentivo à participação equitativa e reconhecimento público de suas contribuições para o desempenho coletivo.
Compreensão sobre estigmas de gênero	Estigmas de gênero naturalizados, pouco problematizados e percebidos como parte do cotidiano das aulas de Educação Física.	Ampliação da consciência crítica sobre atitudes excludentes, compreendendo que mesmo ações não intencionais podem reforçar desigualdades e afastar colegas da prática esportiva.
Qualidade das interações	Relações marcadas por desigualdade, comunicação limitada e baixa cooperação entre os gêneros.	Relações mais justas, dialógicas e inclusivas, fortalecidas pela internalização dos princípios do Espírito de Jogo, pela ficha avaliativa e pelas rodas de conversa.

Fonte: Próprio autor

5.4.2 Lugar de fala e protagonismo das mulheres

A utilização da ficha avaliativa adaptada configurou-se como um potente catalisador para o empoderamento das alunas. Ao dispor de um espaço estruturado, formal e legitimado para avaliar e serem avaliadas, as meninas encontraram uma via concreta para expressar suas percepções sobre as atitudes dos colegas, conquistando efetivamente a oportunidade para a sua “voz” ter a capacidade de ser ouvida no processo pedagógico.

Destaca-se que muitas das gírias cearenses incorporadas à ficha de avaliação foram sugeridas pelas próprias alunas durante sua construção coletiva, evidenciando seu protagonismo não apenas nas partidas, mas também na elaboração do produto educacional. A obrigatoriedade da participação mista e a valorização da inclusão como critério central do “Espírito de Jogo” asseguraram que elas não apenas participassem ativamente das vivências esportivas, mas fossem reconhecidas como integrantes fundamentais e indispensáveis para o funcionamento e o sucesso das equipes.

Essa opção metodológica reafirma o compromisso da investigação com uma proposta pedagógica democrática, na qual as alunas e os alunos não são apenas objetos de análise, mas sujeitos que constroem, interpretam e ressignificam as práticas vivenciadas. Ao serem convidados a refletir coletivamente sobre os critérios de avaliação, os estudantes passaram a compreender o processo avaliativo não como um mecanismo punitivo ou meramente classificatório, mas como um espaço formativo, de diálogo e de problematização das relações estabelecidas durante as aulas.

Nesse sentido, a construção compartilhada da ficha avaliativa contribuiu para ampliar o senso de pertencimento e corresponsabilidade dos estudantes em relação às práticas corporais desenvolvidas. Ao participarem ativamente das decisões sobre o que deveria ser avaliado e como isso seria feito, alunas e alunos passaram a reconhecer a avaliação como parte integrante do processo educativo, favorecendo atitudes mais conscientes, respeitosas e alinhadas aos princípios de equidade de gênero e do Espírito de Jogo no contexto das aulas de Educação Física.

Foi observado que, ao longo das aulas, as meninas que inicialmente demonstravam desmotivação e baixa autoconfiança passaram a se posicionar mais assertivamente, a questionar a passagem do disco, a propor estratégias e a questionar atitudes excludentes dos colegas. A ficha de espírito de jogo adaptada funcionou como um instrumento de empoderamento, e de uma reflexão por parte dos meninos que inicialmente agiam de forma arbitrária, pois conferiu legitimidade institucional às suas vozes, transformando queixas individuais em critérios coletivos de avaliação. Essas adaptações contribuíram para a construção de uma cultura de participação mais equitativa e justa, onde as opiniões e experiências das meninas eram valorizadas e levadas em consideração, tornando o jogo muitas vezes mais prazeroso do que o próprio resultado final.

Durante uma das rodas de conversa realizadas ao término das intervenções, uma das alunas expressou de forma contundente a mudança percebida a partir da utilização da ficha avaliativa, afirmando: *“Antes eu ficava com medo de falar que não tava recebendo o disco, parecia reclamação. Depois da ficha, eu senti que tinha direito de falar, porque isso virou regra do jogo, não era só coisa minha.”* Essa fala evidencia como a formalização dos critérios de avaliação conferiu legitimidade institucional às percepções das meninas, transformando sentimentos individuais de exclusão em pautas coletivas de reflexão e ação.

Na mesma roda de conversa, um dos alunos também reconheceu o impacto do instrumento avaliativo sobre suas próprias atitudes, ao relatar: *“Quando a gente viu que ia ser avaliado por isso, eu comecei a prestar mais atenção. Eu nem percebia que só passava pros meninos. A ficha fez a gente parar e pensar que tava jogando errado, mesmo sem quebrar regra.”* Essa fala revela o caráter formativo da ficha de Espírito de Jogo adaptada, que ultrapassou a lógica punitiva e promoveu uma revisão crítica dos comportamentos masculinos naturalizados, contribuindo para relações mais equitativas e conscientes durante as práticas esportivas. Esses achados orientaram a forma como os encontros foram metodologicamente organizados e analisados, aspecto que será aprofundado no tópico seguinte.

Tabela 5 - Lugar de fala e protagonismo das mulheres

Eixos de análise	Antes da intervenção	Após a intervenção
Lugar de fala	A fala das meninas era pouco legitimada, restrita ao âmbito individual e marcada pelo receio de questionar as dinâmicas do jogo.	A fala feminina passou a ser institucionalmente reconhecida, integrando critérios formais de avaliação e reflexão coletiva.
Protagonismo	Participação limitada nos processos decisórios e avaliativos, com posição predominantemente passiva.	Atuação ativa na construção da ficha avaliativa e maior protagonismo nas decisões e estratégias do jogo.
Autoconfiança	Baixa autoconfiança e retraimento frente a atitudes excludentes naturalizadas.	Posicionamento mais assertivo, com questionamentos, proposições e enfrentamento de práticas excludentes.
Participação das meninas	Participação reduzida e, em alguns momentos, inexistente. Algumas alunas evitavam entrar em quadra, reflexo de experiências anteriores de exclusão e desvalorização.	Participação ativa e propositiva. As meninas passaram a chegar mais cedo, organizar equipes e ocupar espaços de liderança, sem reproduzir práticas de exclusão ou hierarquização entre colegas.
Impacto pedagógico da avaliação	Avaliação compreendida como instrumento externo e classificatório.	Avaliação ressignificada como espaço formativo, dialógico e promotor de equidade de gênero.

Fonte: Próprio autor

5.4.3 Estímulo a reflexão crítica dos homens

Foi perceptível que alguns dos meninos que, inicialmente, reproduziam comportamentos de exclusão passaram por um processo gradual de reflexão crítica acerca de suas próprias atitudes. A utilização contínua da ficha de avaliação adaptada do “Espírito de Jogo”, construída coletivamente com os estudantes, aliada aos debates realizados ao final das aulas, contribuiu significativamente para esse momento reflexivo. O fato de a ficha incorporar gírias do cotidiano cearense, amplamente aceitas e valorizadas pelos próprios alunos, favoreceu a compreensão dos critérios avaliativos, tornando o instrumento mais próximo de sua realidade e despertando maior interesse e envolvimento no processo.

Esse confronto sistemático com as consequências de suas ações tornou mais clara as dinâmicas de poder que antes se apresentavam de forma naturalizada. Além disso, a exigência de atuar em equipes mistas e de depender das colegas tanto para a pontuação quanto para a obtenção de uma avaliação positiva no “Espírito de Jogo” levou esses estudantes a repensarem estereótipos de gênero e a adotarem posturas mais colaborativas, respeitosas e inclusivas.

Registros específicos nas avaliações indicaram momentos de tensão inicial, quando alguns meninos resistiram à obrigatoriedade de incluir as meninas, mas que progressivamente deram lugar a atitudes de reconhecimento e valorização. A reflexão crítica foi estimulada não apenas pela ficha avaliadora, mas também pelos momentos de discussão coletiva, nos quais o professor mediava diálogos sobre equidade, respeito e cooperação, conectando as vivências práticas com conceitos mais amplos de justiça social e direitos.

Durante uma roda de conversa realizada após algumas aulas de utilização da ficha de Espírito de Jogo adaptada, um dos alunos reconheceu de forma espontânea a mudança em sua postura ao afirmar: *“Eu achava que tava tudo normal, que era só jeito de jogar. Mas quando a ficha começou a cobrar isso, eu vi que sempre sobrava pras meninas correrem e quase nunca pegar o disco.”* Essa fala evidencia como o instrumento avaliativo contribuiu para tornar visíveis práticas excludentes antes naturalizadas, favorecendo um processo inicial de autocrítica.

Em outro momento, um aluno destacou o impacto dos debates coletivos associados à avaliação, relatando: *“Quando a gente conversou no final da aula, eu fiquei pensando que se fosse comigo, eu também ia achar ruim não participar. A ficha fez a gente se colocar no lugar delas.”* Essa reflexão demonstra a importância da mediação pedagógica e da problematização

coletiva como elementos que ampliam a compreensão dos estudantes sobre empatia, equidade e justiça nas práticas corporais.

Já um terceiro estudante apontou a influência direta da obrigatoriedade das equipes mistas e da avaliação do comportamento, afirmando: *“Antes eu só queria ganhar o jogo, agora sei que se não jogar junto, a nota cai. Aí a gente passa mais o disco e escuta mais.”* Tal fala reforça o caráter formativo da avaliação, que não se limitou ao desempenho técnico, mas passou a orientar atitudes, relações e escolhas dentro do jogo.

Os registros do questionário diagnóstico também evidenciam esse processo de reflexão crítica. Na questão 7 (*“Durante os jogos, os meninos ajudam para que as meninas participem com a mesma frequência?”*), alguns alunos que inicialmente marcaram as opções “regular” ou “muito ruim” justificaram suas respostas apontando que *“os meninos querem resolver tudo sozinhos”* ou que *“as meninas quase não tocam no disco”*, reconhecendo explicitamente comportamentos excludentes presentes nas aulas. Essas respostas indicam uma percepção inicial, ainda pouco problematizada, mas fundamental para o desencadeamento do processo reflexivo.

Outro exemplo significativo aparece na questão 9, que propõe a inversão das posições de poder entre meninos e meninas. Muitos estudantes do sexo masculino relataram desconforto ao imaginar-se em situação de exclusão, justificando que *“seria ruim não ser escolhido”* ou que *“ninguém ia confiar no meu jogo”*. Esse exercício reflexivo mostrou-se potente para provocar deslocamentos de perspectiva, permitindo que os meninos compreendessem, a partir de uma experiência simbólica, os impactos emocionais e sociais da exclusão vivenciada cotidianamente pelas meninas nas aulas de Educação Física.

Tabela 6 - Estímulo à reflexão crítica dos meninos

Eixos analíticos	Situação anterior à intervenção	Situação após a intervenção pedagógica
Consciência sobre práticas excludentes	Comportamentos de exclusão naturalizados, percebidos como “jeito de jogar”, sem problematização ou autocrítica.	Práticas excludentes tornaram-se visíveis e passíveis de questionamento, desencadeando processos iniciais de autocrítica e revisão de atitudes.
Percepção das relações de poder	Assimetria de gênero pouco reconhecida, com centralização das decisões e do jogo entre os meninos.	Reconhecimento gradual das dinâmicas de poder e da desigual distribuição de oportunidades de participação.

Empatia e deslocamento de perspectiva	Baixa capacidade de se colocar no lugar das meninas, com dificuldade de perceber os impactos da exclusão.	Ampliação da empatia, favorecida por debates coletivos e exercícios reflexivos que possibilitaram compreender os efeitos emocionais e sociais da exclusão.
Influência da avaliação no comportamento	Avaliação associada prioritariamente ao resultado e ao desempenho técnico.	Avaliação ressignificada como instrumento formativo, orientando atitudes cooperativas, escuta e participação equitativa.
Posturas durante o jogo	Predomínio da lógica competitiva e individualizada, com foco exclusivo na vitória.	Adoção progressiva de posturas colaborativas, com maior disposição para compartilhar o disco, ouvir colegas e respeitar a dinâmica coletiva.

Fonte: Próprio autor

6 DISCUSSÃO

As categorias analíticas que orientam esta discussão não foram definidas a priori, mas construídas a partir da experiência concreta vivenciada ao longo da pesquisa-ação, emergindo das observações de campo, dos registros do questionário diagnóstico, das fichas de avaliação do Espírito de Jogo adaptadas e das rodas de conversa realizadas com os estudantes.

Contudo, esse movimento empírico não se deu de forma isolada ou descolada da produção acadêmica, uma vez que a organização e a interpretação dessas categorias ocorreram em diálogo permanente com o marco teórico que fundamenta o estudo, especialmente os debates sobre gênero, práticas pedagógicas críticas e Educação Física escolar. Assim, as categorias elaboradas representam um esforço de articulação entre prática e teoria, permitindo que as experiências observadas no contexto escolar fossem compreendidas à luz de conceitos já consolidados na literatura, ao mesmo tempo em que tensionam e ressignificam esses referenciais a partir da realidade investigada.

6.1 O Jogo Virou: Desafios à Hegemonia Masculina no Esporte Escolar

O cenário inicial observado foi marcado pela exclusão sistemática das meninas e pela predominância masculina na ocupação dos espaços e na condução das práticas corporais. Mesmo em aulas organizadas de forma mista, foi possível perceber diferenças significativas na forma como meninos e meninas se relacionavam com os conteúdos, com os meninos demonstrando maior disposição para o risco, mais confiança em suas habilidades corporais e maior protagonismo durante as atividades, o que acabava por limitar a participação feminina.

As falas recorrentes dos alunos, ao afirmarem que as meninas “não sabem jogar”, evidenciam a presença de estigmas socialmente construídos que associam competência esportiva à masculinidade. Esse tipo de percepção reforça estereótipos de fragilidade e inadequação das meninas para o esporte, contribuindo para a naturalização de práticas excludentes e para a reprodução de desigualdades de gênero no contexto das aulas de Educação Física.

Essa realidade observada nas aulas encontra respaldo nas respostas dos estudantes à questão que investigou se já haviam presenciado ou vivenciado situações de exclusão ou desvalorização das meninas em atividades esportivas, evidenciando que tais práticas fazem parte do cotidiano escolar. Os relatos associados a essa pergunta indicam que a marginalização feminina não ocorre de forma isolada ou ocasional, mas está relacionada a uma lógica de

organização das aulas que privilegia a atuação masculina, tanto na ocupação dos espaços quanto no reconhecimento da competência esportiva.

Dessa forma, o questionário confirmou a presença de estigmas de gênero previamente naturalizados pelos próprios estudantes, reforçando a ideia de que a exclusão das meninas é sustentada por construções sociais que atravessam as interações, as escolhas e as dinâmicas corporais nas aulas de Educação Física.

Essa dinâmica de exclusão não pode ser interpretada como um simples desinteresse das alunas pelas práticas corporais, mas como resultado de um ambiente pedagógico que organiza de forma desigual os corpos, as interações e as oportunidades de participação. As experiências recorrentes vivenciadas nas aulas de Educação Física contribuem para que as meninas passem a perceber o espaço esportivo como um lugar que não lhes pertence, internalizando limites simbólicos que restringem sua atuação.

Nesse contexto, a autoexclusão emerge como uma estratégia de proteção diante de situações de constrangimento, invisibilização e desvalorização, funcionando como uma resposta às práticas pedagógicas pouco intencionais do ponto de vista crítico. Quando o ensino se reduz à simples reprodução do jogo, sem mediação reflexiva e sem preocupação com a inclusão, tende a privilegiar sempre os mesmos estudantes, aprofundando desigualdades e enfraquecendo o potencial formativo da Educação Física enquanto espaço de construção de relações mais equitativas.

Esse entendimento foi tensionado e aprofundado em um momento de roda de conversa coletiva, no qual os estudantes foram convidados a refletir sobre as formas de participação e exclusão presentes nas aulas. Durante o diálogo, algumas meninas relataram que, diante de erros ou dificuldades, preferiam se afastar do jogo para evitar comentários depreciativos ou olhares de reprovação, enquanto alguns meninos reconheceram que costumavam assumir a condução das partidas por acreditarem ter maior habilidade.

Esse espaço de escuta revelou que a exclusão não se manifesta apenas por ações explícitas, mas também por dinâmicas sutis que silenciam, desestimulam e afastam determinados corpos das práticas corporais. A roda de conversa, nesse sentido, evidenciou como a autoexclusão das meninas é construída cotidianamente nas interações, reforçando a necessidade de intervenções pedagógicas intencionais que problematizem essas relações e promovam uma participação mais equitativa nas aulas de Educação Física.

A persistência de práticas excludentes, mesmo após décadas da implementação legal de aulas mistas no Brasil, evidencia que a simples presença conjunta de meninos e meninas no mesmo espaço não é suficiente para assegurar a equidade nas aulas de Educação Física. Embora a separação por gênero não ocorra mais de forma explícita, ela continua se manifestando de maneira informal e sutil, por meio de interações, escolhas e práticas pedagógicas que deixam de problematizar as relações de poder presentes no contexto escolar.

Os resultados deste estudo, ao evidenciar situações de exclusão ativa das meninas durante as atividades, apontam para a necessidade de intervenções pedagógicas intencionais e críticas, nas quais os estudantes sejam reconhecidos como sujeitos do processo educativo e participem ativamente da construção dos instrumentos de avaliação, fortalecendo o sentido de pertencimento, corresponsabilidade e transformação das relações de gênero.

6.2 Para Além do Jogo: o Ultimate Frisbee como Ruptura Pedagógica

A escolha do Ultimate Frisbee como modalidade central da intervenção mostrou-se estratégica por múltiplas razões. Por ser um esporte menos difundido na cultura corporal hegemônica brasileira e possuir regras que fundamentalmente promovem a equidade e a cooperação, ele quebra a lógica dos esportes tradicionais (como futsal, basquete e handebol), nos quais os meninos geralmente possuem um repertório motor e tático mais desenvolvido, fruto de maior acesso e incentivo desde a infância.

A introdução de um conteúdo novo para a maioria dos estudantes colocou meninos e meninas em um ponto de partida mais equânime para a aprendizagem, reduzindo as assimetrias de habilidade que frequentemente justificam a exclusão.

O "Espírito de Jogo", pilar filosófico e potente do Ultimate Frisbee, foi o principal ponto da mudança observada. Este conceito, que transcende o simples cumprimento de regras e abarca o respeito mútuo, a comunicação, a honestidade e a autoarbitragem, funcionou como uma poderosa ferramenta pedagógica para promover reflexões sobre valores e atitudes. Conforme destacado por Devide et al. (2020) em seu trabalho sobre coeducação, a criação de ferramentas específicas para abordar as relações de gênero é fundamental para desconstruir a perspectiva binária que naturaliza diferenças e hierarquias entre masculino e feminino.

A ficha de avaliação do "Espírito de Jogo", adaptada para o contexto da pesquisa com critérios explícitos de inclusão e equidade de gênero, materializou essa ferramenta, tornando a reflexão sobre as atitudes uma parte explícita, valorizada e avaliada da prática. Martins (2022),

afirma que o espírito de jogo se aproxima de uma vivência esportiva situada em compreender muito bem as regras do esporte e mais ainda, saber que como essas regras exige uma postura de honestidade, inclusive por ser auto arbitrado, e que colaborar com a equipe e até com os adversários, faz parte dos parâmetros de uma partida de excelência e de um espírito de jogo almejado no Ultimate Frisbee.

A literatura sobre Ultimate Frisbee no contexto educacional, embora ainda escassa no Brasil, aponta para o potencial da modalidade na promoção de valores democráticos e inclusivos. Oliveira et al. (2019) destacam que o Ultimate Frisbee visa a inclusão e a participação efetiva de todos os praticantes, características que o diferenciam de modalidades esportivas tradicionais.

A inexistência de uma figura arbitral externa, aliada à corresponsabilização dos próprios estudantes pela aplicação e pelo cumprimento das regras, contribui de forma significativa para o desenvolvimento da autonomia individual e coletiva. Esse processo pedagógico fortalece o respeito mútuo, estimula o diálogo e favorece a resolução colaborativa de conflitos que emergem durante a prática, deslocando a lógica punitiva para uma perspectiva educativa.

Tais aprendizagens extrapolam o contexto da aula de Educação Física, constituindo-se como elementos centrais para a formação cidadã e para o exercício da convivência democrática no ambiente escolar e social. Martins (2022), enfatiza que por mais que os docentes formalizem outras formas de acessar o esporte, no momento do jogo, essa construção surge por parte significativa do grupo de alunas e alunos. Nesse sentido o Ultimate Frisbee desconstrói essa situação ao adotar a condição de ser auto arbitrado.

6.3 A Emergência do Protagonismo Feminino no Contexto Escolar

O resultado mais significativo e transformador da intervenção foi, sem dúvida, a promoção da "voz" e da participação ativa das meninas. Ao criar um mecanismo formal de avaliação e feedback a ficha de espírito de jogo adaptada, a pesquisa ofereceu um canal institucionalizado para que as alunas pudessem expressar seu incômodo com as atitudes de exclusão e ter suas opiniões validadas e levadas em consideração. Este processo está junto com as discussões contemporâneas sobre o papel da reflexão crítica e da "voz do estudante" (*student voice*) na Educação Física, que defendem a importância de envolver os alunos ativamente nas decisões pedagógicas e na avaliação das práticas.

Ao terem acesso à ficha de espírito de jogo e às rodas de conversa associadas à sua aplicação, essas percepções deixaram de ser experiências individuais silenciadas e passaram a

compor um discurso coletivo legitimado no contexto da aula. Desse modo, o questionário evidencia que a intervenção não apenas abriu espaço para a manifestação dessas vozes, mas também contribuiu para que elas fossem reconhecidas como elementos centrais na avaliação das relações estabelecidas no jogo, fortalecendo a participação crítica das meninas e reafirmando o potencial da Educação Física escolar como espaço de escuta, diálogo e transformação social.

A adoção de estratégias pedagógicas baseadas na cooperação e na reflexão crítica mostra-se capaz de tensionar e ressignificar as relações de gênero nas aulas de Educação Física, especialmente quando os estudantes dispõem de espaços legítimos para expressar suas vivências, opiniões e sentimentos. Práticas pedagógicas de caráter reflexivo favorecem o fortalecimento da voz discente, possibilitando que os alunos assumam um papel mais ativo e consciente em seu processo de aprendizagem. Nesse sentido, no contexto desta pesquisa, a ficha de espírito de jogo adaptada constituiu-se como um importante dispositivo de escuta e participação, ao legitimar as percepções das meninas e ampliar seu protagonismo no ambiente das aulas.

Tais percepções também emergiram de forma significativa nas rodas de conversa realizadas ao final das aulas, quando, ao discutirem coletivamente os critérios da ficha de espírito de jogo, uma aluna afirmou que “antes quase não tocavam a bola para a gente, mas agora a gente pode falar isso e eles escutam”. Esse momento evidenciou como a combinação entre o instrumento avaliativo e o espaço dialógico possibilitou que experiências antes silenciadas fossem verbalizadas, legitimadas pelo grupo e incorporadas à reflexão coletiva, fortalecendo o protagonismo das meninas e justificando o papel central da ficha como dispositivo de voz e transformação das relações de gênero nas aulas.

A obrigatoriedade da participação mista e a valorização da inclusão como critério de sucesso no jogo transformaram as alunas de espectadoras passivas em agentes ativas e essenciais para suas equipes. Este fenômeno conversa com as pesquisas sobre o potencial do esporte escolar na promoção do empoderamento feminino, que destacam o papel transformador da atividade física na construção da autoconfiança, da agência e do senso de pertencimento das meninas. Pires (2025) enfatiza que a participação no esporte escolar pode desempenhar um papel crucial na formação de meninas mais confiantes e conscientes de seus direitos, contribuindo para a desconstrução de estereótipos de gênero.

Além disso, nas questões abertas, algumas alunas relataram sentir-se mais seguras para pedir a bola, ocupar espaços estratégicos em quadra e tomar decisões durante o jogo, indicando um fortalecimento do senso de pertencimento e de autoconfiança. Esses achados reforçam que a estrutura pedagógica adotada não apenas ampliou a participação feminina, mas também contribuiu para reposicionar as meninas como sujeitas legítimas do processo esportivo, consolidando o esporte escolar como um espaço potente de empoderamento e ressignificação das relações de gênero.

6.4 Limitações e Perspectivas Futuras da Ficha do Espírito de Jogo

Apesar dos avanços proporcionados pela Ficha do Espírito de Jogo enquanto produto educacional, é fundamental reconhecer suas limitações no contexto em que foi aplicada. Por tratar-se de um instrumento construído e validado em uma realidade escolar específica, sua eficácia está diretamente relacionada às mediações pedagógicas realizadas pelo professor e ao tempo dedicado à discussão coletiva dos critérios avaliativos. Sem esse acompanhamento reflexivo, existe o risco de a ficha ser utilizada de forma meramente classificatória, esvaziando seu potencial formativo e crítico, conforme já alertado no próprio manual de utilização do instrumento.

Outra limitação observada refere-se à subjetividade inerente aos critérios avaliados. Embora o manual busque orientar o olhar do avaliador por meio da coluna “Bizu”, a interpretação das atitudes relacionadas ao respeito, à comunicação e à inclusão pode variar de acordo com a maturidade dos estudantes e com suas experiências prévias. Tal característica, no entanto, não invalida o instrumento; ao contrário, evidencia a necessidade de formação continuada dos professores e da constante problematização dos critérios junto aos alunos, para que a avaliação se mantenha coerente com os princípios do Espírito de Jogo.

No que diz respeito à aplicação prática, uma limitação identificada está relacionada ao tempo disponível nas aulas de Educação Física escolar. A realização do jogo, o preenchimento da ficha e a condução das rodas de conversa demandam um planejamento cuidadoso para que o processo avaliativo não seja apressado ou superficial. Ainda assim, essa exigência temporal reforça uma perspectiva futura importante: a compreensão da avaliação como parte indissociável da prática pedagógica, e não como um momento isolado ou acessório à aula. Como perspectiva futura, destaca-se a ampliação do uso da ficha para além do Ultimate Frisbee, respeitando as especificidades de outras modalidades esportivas. Os critérios relacionados à comunicação, ao respeito às regras, à inclusão e ao controle emocional podem ser adaptados

para diferentes práticas corporais, mantendo o foco na promoção de relações interpessoais mais equitativas. Nesse sentido, a ficha se apresenta como um modelo inspirador para a construção de instrumentos avaliativos comprometidos com valores democráticos no esporte escolar.

Outra possibilidade de desenvolvimento futuro do produto educacional consiste no aprofundamento das estratégias de autoavaliação e avaliação por pares. Conforme indicado no manual, essas modalidades de uso potencializam a autonomia discente e o senso de responsabilidade coletiva. Investigações futuras podem explorar de forma mais sistemática os impactos dessas práticas na transformação das atitudes dos estudantes, especialmente no que se refere à desconstrução de estereótipos de gênero e à ampliação da participação feminina nos jogos mistos.

Além disso, a incorporação da ficha em projetos interdisciplinares representa uma perspectiva relevante para seu aprimoramento. A articulação com componentes curriculares como Língua Portuguesa, História ou Ensino Religioso pode favorecer discussões mais aprofundadas sobre respeito, diversidade e justiça social, ampliando o alcance formativo do instrumento. Essa integração reforça a compreensão do Espírito de Jogo como um princípio educativo que extrapola o espaço da quadra e dialoga com a formação integral dos estudantes.

Por fim, reconhece-se que a Ficha do Espírito de Jogo, embora apresente limitações próprias de um instrumento pedagógico situado, constitui uma contribuição significativa para a Educação Física escolar. Suas perspectivas futuras apontam para a necessidade de contínua revisão, adaptação e contextualização, mantendo-se fiel aos princípios que a originaram. Ao assumir suas limitações e projetar possibilidades de ampliação, o produto educacional reafirma seu compromisso com uma prática pedagógica crítica, inclusiva e comprometida com a transformação das relações de gênero no ambiente esportivo.

6.5 Validação do produto educacional de forma colaborativa

No dia 11 de fevereiro, foi realizada uma reunião síncrona por meio da plataforma Google Meet com professores de Educação Física da educação básica e do ensino superior, com o objetivo de apresentar o produto educacional e o Manual de Utilização da Ficha Avaliadora das Relações de Gênero no Ultimate Frisbee. O encontro constituiu-se como um espaço formativo, dialógico e colaborativo, no qual os participantes puderam analisar criticamente o material, sugerir aprimoramentos e validar sua aplicabilidade pedagógica. Desde o início, houve reconhecimento da qualidade estética do material. Uma das professoras destacou: “O designer está muito bem organizado, as cores são atrativas e as imagens facilitam bastante a

compreensão”. Outro docente ressaltou: “O material é didático, visualmente agradável e dialoga com a linguagem dos estudantes”. Essas observações evidenciam que a dimensão estética também atua como elemento pedagógico, potencializando o engajamento e a apropriação do instrumento.

Para além dos elogios, o encontro revelou-se extremamente rico em contribuições propositivas, demonstrando o comprometimento dos participantes com o aprimoramento do produto. Um dos pontos levantados foi a necessidade de inserir a tradução das gírias presentes nos critérios avaliativos. Conforme pontuou um dos professores: “A linguagem está muito interessante e próxima da realidade dos alunos, mas talvez seja importante colocar a tradução formal para garantir compreensão em outros contextos”. Outra participante acrescentou: “Se esse material for utilizado em diferentes regiões, a tradução ajuda a evitar interpretações equivocadas”. A partir dessa sugestão, foi incorporada ao manual uma seção específica com a tradução das expressões utilizadas tanto nos critérios quanto na tabela de pontuação. Ainda nesse movimento de ampliação da clareza, destacou-se a importância de incluir uma explicação mais detalhada sobre o que é o Ultimate Frisbee, considerando que nem todos os professores conheciam a modalidade. Como afirmou uma docente: “Seria interessante explicar um pouco mais o que é o Ultimate, porque muitos colegas ainda não tiveram contato com essa prática”. Tal contribuição resultou na ampliação da seção introdutória sobre a modalidade no manual.

Outro aspecto relevante discutido durante a reunião foi a necessidade de explicitar quem realizou o preenchimento da ficha, se professor, autoavaliação do aluno ou avaliação entre alunos. Uma professora observou: “É importante deixar claro quem está avaliando, porque isso muda a interpretação dos resultados”. Essa consideração levou à inclusão de um campo específico no cabeçalho da ficha para identificação do responsável pelo preenchimento, fortalecendo a transparência e o rigor pedagógico do instrumento. O conjunto dessas contribuições evidencia a riqueza do encontro e reafirma a importância da construção coletiva no desenvolvimento de produtos educacionais. A escuta sensível e a valorização da participação dos docentes não apenas qualificaram o manual, mas também reforçaram seu caráter democrático e colaborativo, alinhado aos princípios de uma prática pedagógica reflexiva e inclusiva.

7 CONCLUSÃO

A trajetória desta pesquisa nasce de uma inquietação concreta: a exclusão sistemática das meninas nas aulas de Educação Física da Escola Paulo Aragão, em Sobral-CE. O cenário inicial, marcado por falas como “o lugar delas é na arquibancada”, não representava apenas um conflito pontual entre estudantes, mas a materialização de uma cultura esportiva historicamente excludente. A escolha do Ultimate Frisbee como conteúdo e da ficha de espírito de jogo como produto educacional constituiu-se, portanto, como um gesto político-pedagógico. Inspirado na perspectiva freireana de que a educação deve romper com práticas opressoras e ampliar a leitura crítica do mundo, este trabalho assumiu que não bastava inserir um novo esporte no currículo; era necessário tensionar as relações de poder naturalizadas no espaço da quadra.

Sou filho único, criado com amor e simplicidade por dona Raimundinha, na cidade de Crateús, no interior do Ceará. Foi nesse cenário de raízes fortes e sonhos grandes que comecei a construir minha história. Desde cedo aprendi que a vida é feita de esforço, esperança e coragem para seguir em frente, mesmo quando o caminho parece difícil. A paixão pela Educação Física nasceu como um propósito de vida: compreender o corpo, o movimento e, sobretudo, as pessoas.

Ao longo da minha caminhada, essa paixão se transformou em missão, ensinar, aprender e acreditar que a educação pode transformar realidades. A trajetória do mestrado tem sido uma das experiências mais profundas da minha vida. Nesse percurso, aprendi que conhecimento não se constrói apenas com livros, mas também com resiliência, determinação e muita humildade para continuar caminhando mesmo diante dos desafios. Cada dificuldade enfrentada se transformou em aprendizado e força.

Quando esse ciclo se encerrar, sei que não serei o mesmo. Serei um ser humano mais sensível, mais forte e mais consciente do valor das coisas simples da vida. Aprendi que ouvir as pessoas, respeitar suas histórias e reconhecer a beleza dos pequenos momentos é tão importante quanto qualquer conquista acadêmica. Assim sigo, sonhador, determinado e profundamente grato pela história que me formou, uma história simples, mas cheia de significado, construída com amor, luta e esperança.

O percurso investigativo evidenciou também uma lacuna científica importante: a escassez de produções que articulem o Ultimate Frisbee às relações de gênero na Educação Física escolar. Essa ausência reforçou a relevância social e acadêmica da proposta, que buscou

produzir conhecimento situado, comprometido com a realidade local e alinhado às diretrizes do PROEF.

Ao optar por uma revisão integrativa, por uma intervenção pedagógica estruturada e pela construção de um produto educacional contextualizado, a pesquisa dialoga com o que Paulo Freire denomina, em *Pedagogia da Autonomia*, como a responsabilidade ética do educador: ensinar exige pesquisa, criticidade e compromisso com a transformação da realidade. Assim, cada etapa da fundamentação teórica à análise dos dados foi orientada pela compreensão de que a prática docente deve ser constantemente problematizada.

A intervenção com o Ultimate Frisbee revelou-se um momento de ruptura simbólica, a ausência de árbitro, o princípio da autoarbitragem e a lógica cooperativa deslocaram o foco do rendimento técnico para as relações estabelecidas em jogo.

A construção coletiva da ficha, incorporando expressões do cotidiano dos estudantes, representou uma escolha metodológica coerente com a pedagogia do diálogo defendida por Paulo Freire em *Pedagogia do Oprimido*: ninguém educa ninguém sozinho; educamo-nos em comunhão. Ao permitir que os próprios alunos participassem da elaboração dos critérios, a pesquisa rompeu com a lógica vertical da avaliação e instituiu um processo de coautoria, no qual os sujeitos deixaram de ser apenas avaliados para tornarem-se protagonistas da construção do instrumento.

Os resultados apontaram transformações significativas nas dinâmicas de interação entre meninos e meninas, indicando que a avaliação, quando concebida como prática formativa, pode atuar como mediadora de mudanças atitudinais. Entretanto, é fundamental reconhecer que tais transformações não eliminam, por si, as estruturas culturais que sustentam desigualdades de gênero. Como afirma Paulo Freire em *Educação como Prática da Liberdade*, a libertação é processo, nunca ato isolado. Nesse sentido, a ficha de espírito de jogo não se apresenta como solução definitiva, mas como dispositivo pedagógico que inaugura diálogos e amplia possibilidades de conscientização. A validação colaborativa do produto educacional, realizada com professores da área, reafirmou o caráter coletivo da pesquisa.

As sugestões acolhidas como a ampliação conceitual sobre a modalidade, a tradução das expressões e a explicitação de quem realiza a avaliação demonstram que o conhecimento se constrói na escuta e na abertura ao outro. Essa etapa final materializa a compreensão freireana de que o saber docente se fortalece na troca, na humildade epistemológica e na disposição para

aprender com os pares. O produto, ao ser revisado e aprimorado, deixou de ser apenas uma criação individual para tornar-se síntese de uma construção partilhada.

Durante o desenvolvimento desta pesquisa, um aspecto que se revelou como uma possível lacuna foi a necessidade de ampliar ainda mais o espaço de escuta das experiências individuais dos/as estudantes, especialmente das meninas. Embora o estudo busque compreender as relações de gênero a partir das interações ocorridas nas aulas e da utilização da ficha de espírito de jogo, percebe-se que seria enriquecedor aprofundar narrativas pessoais e percepções subjetivas dos participantes sobre suas trajetórias nas aulas de Educação Física ao longo da vida escolar.

Essa escuta mais detalhada poderia revelar histórias marcadas por experiências de exclusão, constrangimento ou invisibilização, contribuindo para uma compreensão ainda mais sensível das razões que levam muitas estudantes a se afastarem das práticas corporais. Além disso, permitiria identificar de forma mais profunda como essas vivências influenciam a construção da autoconfiança, da participação e da relação das meninas com o esporte.

Assim, uma investigação que integrasse entrevistas mais aprofundadas ou relatos de experiência dos próprios alunos e alunas poderia ampliar a dimensão qualitativa da pesquisa, fortalecendo a análise das relações de gênero no contexto das aulas de Educação Física. Essa perspectiva também dialoga com uma abordagem pedagógica crítica, que valoriza a escuta, o diálogo e o reconhecimento das vozes historicamente silenciadas no ambiente escolar.

Os próximos passos desta pesquisa consistem na implementação da Unidade Didática sobre o Ultimate Frisbee nas aulas de Educação Física da turma participante, com a aplicação da ficha de espírito de jogo adaptada às questões de equidade de gênero. Espera-se que essa etapa permita observar de forma mais aprofundada as interações entre os estudantes, identificando como as relações de gênero se manifestam durante as práticas esportivas e de que maneira a proposta pedagógica pode contribuir para a transformação dessas dinâmicas.

Durante o desenvolvimento das aulas, serão registradas as percepções, atitudes e comportamentos dos alunos e alunas, buscando compreender como o contato com uma modalidade baseada na cooperação, na autorregulação e no respeito mútuo pode favorecer reflexões críticas sobre as desigualdades de gênero presentes no ambiente escolar. Nesse processo, a ficha de espírito de jogo funcionará não apenas como instrumento de acompanhamento das partidas, mas também como uma ferramenta pedagógica de diálogo, escuta e construção coletiva de valores.

Espera-se que, ao longo da pesquisa, os estudantes desenvolvam maior consciência sobre suas atitudes durante as práticas corporais, ampliando o respeito entre os gêneros e fortalecendo a participação das meninas nas aulas de Educação Física. Além disso, pretende-se analisar os impactos dessa intervenção pedagógica na cultura da turma, observando possíveis mudanças nas formas de interação, cooperação e valorização das habilidades de todos os participantes.

Ao final do processo investigativo, espera-se consolidar a ficha de espírito de jogo adaptada como um produto educacional aplicável ao contexto escolar, capaz de auxiliar professores de Educação Física na promoção de práticas pedagógicas mais inclusivas, críticas e socialmente justas. Dessa forma, a pesquisa pretende contribuir não apenas para a reflexão acadêmica, mas também para o fortalecimento de estratégias didáticas que ampliem as possibilidades de participação e equidade nas aulas de Educação Física.

Conclui-se, portanto, que esta pesquisa não se encerra na consolidação de uma ficha adaptada, mas se projeta como convite à reinvenção permanente da prática pedagógica. Ao tensionar a cultura esportiva excludente, ao propor uma avaliação comprometida com valores democráticos e ao valorizar a participação ativa de estudantes e professores, o trabalho reafirma a Educação Física como espaço de formação humana integral. Em coerência com a pedagogia crítica de Paulo Freire, esta dissertação assume que ensinar é um ato de esperança: esperança ativa, que se traduz em intervenção concreta, diálogo permanente e compromisso com a construção de uma escola mais justa, equitativa e humanizadora.

REFERÊNCIAS

- ALTMANN, H. **Educação Física Escolar: Relações de gênero em jogo**. São Paulo: Cortez, 2015.
- ALTMANN, H.; AYOUB, E.; AMARAL, S.C.F. **Gênero na prática docente em educação física**: "meninas não gostam de suar, meninos são habilidosos ao jogar"? Rev. Estud. Fem., Florianópolis, v. 19, n. 2, p. 491- 501, ago. 2011. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104026X2011000200012&lng=pt&nr m=iso. Acesso: 24 /07/. 2024.
- ALTMANN, H. **Currículo, gênero e esportes**. In: RIBEIRO, Paula R. C.; SILVA, Méri R. S.; GOELLNER, Silvana V. *Corpo, gênero e sexualidade: composições e desafios para a formação docente*. Rio Grande: FURG, 2009. p.57-65.
- ARAÚJO, J., & SOUZA, P. **Inclusão no esporte: práticas e desafios**. Editora Esporte e Sociedade 2022.
- BANCO MUNDIAL. **Chaves para o sucesso na alfabetização das crianças de Sobral**. Disponível em: <https://www.worldbank.org>. Acesso em: 14 out. 2024.
- BERTASSO, B; BELTRAMELLI, Anderson. **Ultimate Frisbee: habilidades motoras e estratégias no jogo sem árbitro**. Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, 2018.
- BETTI, I.C.R. **O prazer em aulas de Educação Física Escolar: aperspectiva discente**. Campinas. FEF-UNICAMP, 1992. Dissertação (Mestrado em Educação Física Escolar).
- BIZZINI, M. Fair play e autorregulação no esporte moderno. **Journal of Sports Ethics**, 12(2), 34-45, 2021.
- BOURDIEU, P. **A Dominação Masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 23 dez. 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 24 jul. 2024.
- BRAUN, V., & CLARKE, V. Using thematic analysis in psychology. **Qualitative Research in Psychology**, 3(2), 77–101, 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1191/1478088706qp063oa>. Acesso dia 16 de outubro de 2024.
- COLLEIVA, C; AGUILERA, C; DEWES, R; SOUZA, **Ultimate Frisbee: nova prática esportiva nos currículos escolares**. Temas em Educação Física Escolar, v. 6, n. 2, 2021. Disponível em: <https://portalespiral.cp2.g12.br/index.php/temasemedfisicaescolar/article/view/3005>. Acesso em: 10 ago. 2025.
- CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE ULTIMATE (CBU). **Histórico e Desenvolvimento do Ultimate no Brasil**. Disponível em: <https://www.cbu.org.br>. Acesso em 27 de agosto de 2024.

COSTA, F; CADAVID, M, A; CARNEIRO F, B. **Utimatefrisbee: organização, conhecimento e prática de ensino**, 2017.

COSTA, F; VIANA, A; BERWANGER, E; REZENDE, A. Perfil e motivações de praticantes de ultimate frisbee na universidade de Brasília. **Caderno de formação RBCE**, p.84-94, set. 2017.

COSTA, L; SANTOS, M; GÓIS J. O discurso médico e a Educação Física nas escolas (Brasil, século XIX). **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, Campinas, v. 28, n. 2, p. 273-282, abr./jun. 2014.

DEVIDE, F. P. et al. **Estudos de gênero na Educação Física Brasileira**. Motriz, Rio Claro, v. 17, n. 1, p. 93-103, jan./mar.2011. DOI: <http://dx.doi.org/10.5016/1980-6574.2011v17n1p93>, 2011.

DORNELLES, P. **Marcas de gênero na Educação Física escolar: a separação de meninos e meninas em foco**. Motrivivência, n. 37, p.12-29, 2011.

ELLES C, E., G. J., TAMAYO T, R. A., ACOSTA V, C. J., & MEJÍA, J. A. (2022). Reforçar a tolerância no ambiente escolar através de um programa desportivo-recreativo de frisbee. **Leituras: Educação Física e Esportes**, 27(291), 60-75, 2022.

FIGUEIREDO, C. Educação Física e o Espírito de Jogo: Desafios e Possibilidades no Ensino Escolar. **Revista Educação e Movimento**, 2022.

FREIRE, M., & CAMPOS, V. **Educação Física Inclusiva: Desafios e Práticas**. Editora da Universidade Federal de Santa Catarina. 2020.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 43. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FRISBEE FREE: **About (Frisbee Free – “Jogue frisbee... Seja free!!!”)**. WordPress, s.d. Disponível em: <https://frisbeefree.wordpress.com/about/>. Acesso em: 10 ago. 2025.

MARINGÁ E, p. 73-88. **Fundamentos pedagógicos do Programa Segundo Tempo: da reflexão à prática, 2009**. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/123456789/149/Livro%20Fundamentos%20pedagogicos%20do%20PST.pdf?sequence=5>. Acesso em: 8 jun. 2024.

GHIRALDELLI JR., P. Educação Física escolar e ditadura militar no Brasil (1968–1984): história e historiografia. 1988. In: **História da Educação Física escolar e ditadura militar no Brasil (1968–1984): história e historiografia**.

GOELLNER, S. V. **Mulheres e Esportes: Gênero, Corporeidade e Diferença**. editora CRV, ed1, 2019.

GOELLNER, S. **Bela, maternal e feminina: imagens da mulher na revista Educação Physica**. Ijuí: Unijuí, 2005.

- LETTNIN, C; AGUILHERA, DEWES, C; SOUZA, M. **Ultimate Frisbee: Nova Prática Esportiva nos Currículos Escolares**. Colégio Pedro II – Revista do departamento de educação física, 2019. Disponível em <https://cp2.g12.br/ojs/index.php/temasmedfisaescolar/index>. Acesso em: 20 de outubro de 2024.
- LOPES, C; PRAXEDES, J. Gênero na Educação Física escolar e a atuação docente em um contexto de desigualdades. **e-Mosaicos**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 32, 2024.
- MALDONADO D, T. **A vida nas escolas: por uma prática político- pedagógica crítica na Educação Física Escolar**. Editora: Curitiba: CVR, 2023.
- MALDONADO D, T; SILVA E; MARTINS R, M. **Educação física escolar e justiça social: Experiências curriculares na radicação básica**. Editora: CVR, v47, 2022.
- MALDONADO, D, T. Educação Física Escolar, pensamento freireano e pedagogia crítico-libertadora. **Rev. Ed. Popular**, Uberlândia, v. 24,n. 1, p. 39-59, jan.-abr. 2024.
- MARTINS, R. **Ultimate Frisbee e inclusão de gênero: uma análise do impacto social do esporte**. Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, 2023.
- MARTINS, R. **Ultimate Frisbee e o Espírito de Jogo: Uma Nova Perspectiva**. Revista Brasileira de Esportes Coletivos, 2021.
- MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: Hucitec 2012.
- MORAES, T; et al. **Táticas e estratégias no Ultimate Frisbee: uma análise comparativa com esportes de invasão**. Revista Movimento, 2019.
- NASCIMENTO, F. Esportes e ditadura militar no Brasil: reflexões sobre práticas esportivas no Brasil (1964-1985). **Revista História & Luta de Classes**, 18(34), 2016.
- NASCIMENTO, M. Esportes e ditadura militar no Brasil: reflexões sobre práticas esportivas no Brasil (1964-1985). **Revista História & Luta de Classes**, 18(34) 2016.
- NUNES, L. Espírito de Jogo no Ultimate Frisbee: Reflexões sobre justiça social e equidade de gênero na escola. **Revista Educação e Práticas Corporais**. O Professor PDE e os desafios da escola pública paranaense, v1, 2012.
- OLIVEIRA G. **A inserção histórica da mulher no esporte**. R. bras. Ci e Mov. 16(2): 117-125, 2008.
- OLIVEIRA, E; PAIVA, K; COSTA, A; COSTA, F. **Sistematização do ultimate frisbee para educação física**. Caderno de formação RBCE, p.20-32, mar.2018.
- OLIVEIRA, I.R.S.; AZEVEDO, L.A. **Diferenças de gênero na educação física escolar: linguagem corporal esportiva**. Anais VII ENALIC... Campina Grande: Realize, Editora, 2018. Disponível: <https://www.editorarealize.com.br/artigo/visualizar/52051>. Acesso: 24 DE junh de 2024.
- OLIVEIRA, R., & SILVA, M. (2021). **Gênero e Esporte: Perspectivas Atuais e Desafios**. Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, 35(2), 112-125.

PALLOS, G. **Material didático digital e Frisbee: uma proposta de ensino por meio de jogos para o ensino médio**. Rio Claro, 2022. 51 p. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura - Educação Física) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Instituto de Biociências, Rio Claro. Orientadora: Fernanda Moreto Impolcetto. Coorientador: Thomás Augusto Parente.

PRIORE, M. **História do Corpo no Brasil**. Editora UNESP, 2011. Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, v. 27, n. 1, p. 15-26, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1807-55092013000100002>. Acesso em: 08 jun. 2024

RIBEIRO, S. **Relações de gênero na educação física: revisão sistemática a partir de periódicos científicos da educação física brasileira**. São Cristóvão, 2023. Monografia (licenciatura em Educação Física) – Departamento de Educação Física, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2023.

RODRIGUES, T. A presença feminina nos esportes escolares: OUltimate Frisbee como ferramenta de inclusão. **Revista Movimento e Educação**, 2021.

SCHERER, A. P. **Gênero e políticas públicas: Desafios para a igualdade**. Editora UNESP, 2019.

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE SOBRAL. Disponível em <https://educacao.sobral.ce.gov.br/calendario-de-formacao-de-professores/relacao-das-escolas-municipais> acesso em 13 out. de 2024.

SILVA, J. et al. Inovação pedagógica no ensino da Educação Física. **Revista de Educação e Prática Escolar**, 2020.

SILVA, R., & OLIVEIRA, M. **Esporte e inclusão: o papel do UltimateFrisbee**. Perspectivas de Educação Física, 20(4), 72-85 2019.

SILVEIRA, A; DIAS, M, A. **Repensando as relações de gênero nas vivências do ultimate frisbee na escola**. Motrivivência, Florianópolis, v. 31, n. 58, p. 1–15, 2019. DOI: 10.5007/2175-8042.2019e55894. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2019e55894>. Acesso em: 8 dez. 2024.

SOUZA J. M. Educação Física escolar, co-educação e questões de gênero. In: DARIDO, Suraya Cristina; MAITINO, E. M. (org.). **Pedagogia Cidadã: Cadernos de Formação: Educação Física**. São Paulo:Unesp, Pró-Reitoria de Graduação, 2004.

SOUZA, P., & A, F. Desconstruindo Estereótipos de Gênero noEsporte Escolar. **Revista Educação em Movimento**, 27(3), 89-103 (2022).

TEIXEIRA, A. **Ética no esporte: desafios e oportunidades**. Revista deÉtica Desportiva, 14(1), 23-38, 2020.

WAGNER, C; COSTA, A. “Estudos de gênero na Educação Física Brasileira”. Motriz, Rio Claro, v. 26, e-1013, 2020.

WILSON C. **O modelo educacional que Lula deseja replicar em todo o Brasil, XX**. Editora Unesp. Disponível em: <https://www.wilsoncenter.org>. Acesso em: 14 out. 2024.

APÊNDICE A – ROTEIRO DA ENTREVISTA (ALUNOS DO SÉTIMO ANO)

QUESTIONÁRIO DE PESQUISA DIAGNÓSTICA

Tema: *O Ultimate Frisbee como indutor da equidade de gênero nas aulas de Educação Física escolar: produzindo uma ficha de espírito de jogo para as relações de gênero*

Mestrando: Emerson Roarky Saboia Monte

Orientador: Raphael Moreira Martins

Instituição: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará

Antes de começar

Esta pesquisa deseja analisar os efeitos da implementação de uma ficha de espírito de jogo focada na equidade de gênero, dentro de uma Unidade Didática sobre o *Ultimate Frisbee*, em uma turma do 7ºB da escola de Ensino Fundamental Paulo Aragão, na cidade de Sobral-CE, adotando uma perspectiva crítica e socialmente justa, a partir da ideia de uma *ficha de espírito de jogo*.

A *Ficha de Espírito de jogo* será utilizada de forma que seja possível haver uma avaliação sobre as ações de gênero que os participantes tiverem dentro da aula de ultimate frisbee e que servirá para as demais práticas que desejaram utilizar.

Suas respostas são **anônimas**: seu nome não aparecerá em nenhum lugar, e tudo será usado apenas para a pesquisa.

Sua participação é **voluntária**. Você pode parar a qualquer momento ou deixar de responder alguma pergunta, se quiser.

Responda de forma tranquila, marcando ou explicando a opção que **primeiro vier à sua mente**.

Usaremos **emojis** para representar as respostas:

 Muito ruim

 Regular

 Bom

 Excelente

Nome completo: _____

Idade: _____

Gênero: _____

Série: _____

Perguntas

1. O que você acha de meninos e meninas jogarem juntos na mesma equipe nas aulas de Educação Física?

 Muito ruim ()

 Regular ()

 Bom ()

 Excelente ()

1.1. Explique o motivo da sua resposta:

2. Qual é a sua opinião sobre meninas praticarem esportes que muita gente chama de “masculinos”, como o Futsal?

 Muito ruim ()

 Regular ()

 Bom ()

 Excelente ()

2.1. Conte um exemplo ou explique o motivo da sua resposta:

3. E sobre homens praticarem esportes que muita gente chama de esporte para mulheres, como o Voleibol?

 Muito ruim ()

 Regular ()

 Bom ()

 Excelente ()

3.1. Conte um exemplo ou explique o motivo da sua resposta:

4. Você acha que os meninos respeitam as meninas durante as aulas de Educação Física?

 Muito ruim ()

 Regular ()

 Bom ()

 Excelente ()

4.1. Conte uma situação ou exemplo que mostre o motivo da sua resposta:

5. Você já viu ou viveu alguma situação em que meninas foram excluídas ou desvalorizadas em atividades esportivas? Se sim, como foi?

6. Na sua opinião, quais são as maiores dificuldades que as meninas passam nas aulas de Educação Física? Cite quais as principais dificuldades.

7. Durante os jogos, os meninos ajudam para que as meninas participem com a mesma frequência?

 Muito ruim ()

 Regular ()

 Bom ()

 Excelente ()

7.1. Se puder, conte um fato ou exemplo que explique sua resposta:

8. O que poderia ser feito para que meninos e meninas tenham as mesmas oportunidades de participação nas aulas de Educação Física?

9. Nas aulas de Educação Física, imagine que as meninas são as que detêm o poder e ocupam os principais espaços de decisão e destaque, enquanto os meninos ficam em posição inferiorizada. Como você se sentiria nessa situação?

 Muito ruim ()

 Regular ()

 Bom ()

 Excelente ()

9.1. Justifique sua resposta:

APÊNDICE – B TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM E VOZ

Título do projeto: “O ULTIMATE FRISBEE COMO INDUTOR DA EQUIDADE DE GÊNERO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: produzindo uma ficha de espírito de jogo para as relações de gênero.”

Pesquisador (es): Raphaell Moreira Martins, Emerson Roarky Saboia Monte Orientador: Raphaell Moreira Martins

Objetivo principal: Analisar os efeitos da implementação de uma ficha de espírito de jogo focada na equidade de gênero, dentro de uma Unidade Didática sobre o Ultimate Frisbee, em uma turma do 7ºB da escola de Ensino Fundamental Paulo Aragão, na cidade de Sobral-CE, adotando uma perspectiva crítica e socialmente justa.

Eu, _____ participante voluntário do projeto acima descrito, de nacionalidade _____ estado civil _____, portador(a) da Cédula de Identidade RG nº _____, inscrito (a) no CPF sob nº _____, residente à Av/Rua _____, cidade de _____, estado _____. AUTORIZO o uso de minha imagem, e/ou voz em todo e qualquer material entre (fotos, vídeos e documentos), para ser utilizada no projeto de pesquisa e analisadas pelos pesquisadores acima citados. A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso das imagens e voz acima mencionadas em todo território nacional e no exterior, das seguintes formas: (I) home page; (II) mídia eletrônica (vídeo-tapes, televisão, cinema, entre outros); (III) documentos; (IV) fotos. Porém, dados pessoais como nome, número de documentos, e similares, não devem ser identificados. Os materiais utilizados, como fotografias, vídeos e gravações ficarão sob a responsabilidade exclusiva do(s) pesquisador(es) e sob sua guarda, entretanto me resguardo o direito de retirar a qualquer momento a minha autorização. Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem e voz ou a qualquer outro.

Caucaia, 20 de outubro de 2025.

Assinatura do participante _____

Telefone de contato: _____

E-mail do participante: _____